



# CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

inspiração

40 histórias de brasileiros que  
constroem um país melhor

VOLUME 01

IARA E EDUARDO XAVIER



# CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

# CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS



Apresentação	06
ONG Renascer da Esperança	07
Associação 4 Varas	10
Associação para o Bem-Estar do Menor Carente de Esperantina	13
Associação Grupo de Mães Anjos de Luz	16
Banco Palmas	19
Escola Viva Olho do Tempo	22
Associação Elos da Vida	25
Adote 1 Atleta	28
Casa da Esperança	31
Fazenda da Paz	34
Arte Cidadã	37
Família ALD Brasil	40
Mãezinha do Céu	43
Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados	46
Escola Maria Teixeira	49
Amigos do Bem	52
Escola de Valores (Galera de Deus)	55
Acaia Pantanal, núcleo do Instituto Acaia	58
Pão da Alma	61
Instituto Arredondar	64



Saúde e Alegria **67**

Casa Lar Luz do Caminho **70**

Instituto Brasil Solidário (IBS) **73**

Associação Projeto Surfar **76**

Gotas de Flor com Amor **79**

OELA - O cina Escola de Lutheria da Amazônia **82**

Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) **85**

Comitê para a Democratização da Informática (CDI) **88**

Grãos de Luz e Griô **91**

Retratos de Esperança **94**

Boca de Rua - ALICE **97**

Cafuné no Coração **100**

Instituto Arara Azul **103**

Casa da Criança **106**

Casa do Bem **109**

AECE - Associação Educacional Cultural Essência **112**

Estrelas do Mar **115**

CREN - Centro de Recuperação e Educação Nutricional **118**

Projeto Social Casa de Marieta **121**

Chácara Meninos de 4 Pinheiros **124**



## APRESENTAÇÃO

Desde 2011, estamos na estrada para conhecer e compartilhar a história de projetos e iniciativas sociais espalhados pelo Brasil. Queremos que esses exemplos sejam inspiração e incentivo para outras pessoas. Rodamos mais de 1 milhão de quilômetros desde que entendemos nosso propósito.

Ao longo de nossa jornada, como **Caçadores de bons exemplos**, localizamos mais de 5.500 ações de solidariedade.

Criamos um mapa por geolocalização cujo objetivo é conectar quem pode ajudar com quem precisa de ajuda. Nossa ideia é fazer com que as pessoas possam identificar rapidamente os projetos que atuam em sua cidade, contribuindo com aqueles que estão na linha de frente, trabalhando para combater a fome, a desigualdade, a pobreza e, agora, a pandemia de COVID-19 que assola o mundo.

Em tempos de pandemia, o distanciamento social necessário nos fez repensar as visitas e os cadastramentos de novas iniciativas e adaptar nosso trabalho à nova realidade. Agora, mais do que nunca contando com o apoio de uma rede de voluntários digitais, as ações sociais estão sendo cadastradas por gente de todo o país e somam-se ao mapa do Brasil.

A devastação causada pela COVID-19 e a interferência da pandemia nas atividades até então entregues à comunidade aumentam a cada dia que passa. Tudo o que antes era mantido por doações passa por um momento delicado de escassez e racionamento. O número de assistidos pelas ações cresce e as ajudas são o que mantêm a vida de muitos. Acreditamos que com um mapa repleto de projetos e ações que precisam de colaboração ficará mais fácil identificar as iniciativas próximas, coletar os contatos e entender como podemos ajudar da forma efetiva.

Este livro nasce do desejo de inspirar mais e mais ações solidárias. Ele traz depoimentos de 40 fundadores de projetos que conhecemos, visitamos, admiramos e compartilhamos por meio do nosso trabalho. São vozes comovidas e relatos tocantes de pessoas que, mesmo sem conhecer a célebre frase de Gandhi que tanto repetimos, decidiram ser a mudança que desejavam para o mundo.

Nós sempre soubemos da força do bem, sempre acreditamos que o que transforma o mundo é a solidariedade e a prática de fazer pelas outras pessoas. A realidade das ações sociais no nosso país já era difícil antes da pandemia. Agora, nosso trabalho é mostrar o caminho para o maior número de pessoas possível que queiram ajudar.

Para ter acesso ao mapa e saber como você pode ajudar, acesse:  
**[www.cacadoresdebonsexemplos.com.br/mapa](http://www.cacadoresdebonsexemplos.com.br/mapa)**

Boa leitura e boas ações!  
**Iara e Eduardo Xavier**

Renascer  
Esperança<sup>da</sup>






PROJETO:  
ONG RENASCEER DA ESPERANÇA



- \* LOCAL:  
PORTO ALEGRE (RS)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1998

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: ROZELI DA SILVA

 @renascerdaesperanca  
 @renascerdaesperanca  
 (51) 3266-0864

Tive minha primeira filha aos 12 anos de idade. Minha mãe deu à luz dez filhos e saía de madrugada da Restinga, o bairro onde morávamos, na periferia de Porto Alegre. A gente não via ela voltar. Pedíamos comida nas casas e ficávamos atrás de sobras da merenda no colégio. Meu primeiro emprego foi no Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), pra varrer rua. Peguei carteira assinada e não sabia ler nem escrever. Primeiro dia da varrição, dei de cara com três crianças pedindo em um comércio, estavam com fome. Tinha uma mulher correndo atrás delas, dizendo que eram trombadinhas.

E aí me veio a vontade de ajudar, porque me vi naquelas crianças; era o que vivia com meus irmãos, pedindo de casa em casa. Falo bastante disso porque foi muito marcante. Uma noite eu dormi e sonhei que tirava crianças que estavam na rua. Lembro como se fosse hoje. No sonho tinha uma assistente social comigo, a Learci Kelber. Eu dizia pra ela: “Lea, o que você está fazendo aí, com esse monte de criança, nesse paraíso?” Era um campo cheio de margaridas. Ela respondeu: “Tu me chamou pra ajudar a cuidar de criança”. Eu propus: “É, vamos cuidar?” Ela disse sim. Nisso, eu acordei, me levantei, tomei banho e fui até o DMLU atrás dessa mulher. Ela tinha tirado licença.

Aí aconteceu uma coisa incrível. Estava vindo pela Avenida da Azenha e vi a Lea no carro, no sinaleiro, no Centro. Ela me grita: “Rozeli, eu sonhei contigo!”. Eu digo: “Não, mentira!” Ela estacionou e eu contei o meu sonho a ela, e, veja só, a Lea tinha sonhado que estava lá naquele paraíso do meu sonho. Falei que a gente tinha que realizar aquela missão, mas ela tinha uma vida boa, uma casa com piscina, não queria se envolver. Então eu pedi: “Só seja meu caderno e minha caneta, eu te dou as ideias, faço o levantamento, vejo quantas crianças estão na rua, o que precisamos e no que eu quero trabalhar”. Ela aceitou.

Foi a Lea quem escreveu tudo pra mim, e em cima disso a gente convidou o dr. João Plínio de Almeida Neto, advogado do DMLU, para fazer o estatuto. Mesmo quando tudo estava montado, a gente não conseguia botar em prática, porque não encontrava um lugar na Restinga. Passei anos - 1996, 1997, 1998 - com o projeto debaixo do braço. Nesse intervalo, pedi pra estudar no DMLU, no auditório, aprender as primeiras letras. Uma das pessoas que me ajudou na minha alfabetização,



uma senhora que trabalhava na lavanderia, chamada dona Neli, mostrou meu projeto ao presidente do DMLU.

Lembro bem: no dia 1º de dezembro de 1998, a dona Neli me levou para conversar com o presidente. Ele já sabia do caso e cedeu duas casinhas de madeira e um baita dum pátio na União. Com o documento da cessão assinado, peguei o fogão da minha casa, fiz supermercado, corri toda a Restinga pedindo botijão de gás, panela, comida. A comunidade me ajudou muito, era um monte de gente trazendo coisa.

Falei pra Lea que queria inaugurar no dia 9 de dezembro com 40 crianças. “Só quero que tu faça uma coisa: escreva uns papéis, que vou largar na farmácia, nas paradas de ônibus, dizendo: ‘Precisamos de educadores, oficinairos de música, dança, capoeira’”, eu pedi. A Lea escreveu e no dia 6 os cartazes já estavam espalhados por toda a Restinga. No dia 7 eu apareci lá na União, abri a casinha, toda arrumada, enfeitadinha pra criança, só eu sentada na porta, e foi brotando uma fila de gente, cada vez mais gente chegando. As pessoas diziam: “O que tu tá esperando que não inscreveu a gente ainda?” E assim começou e foi crescendo.

Nossa ONG atende 360 crianças carentes da região de Restinga, oferecendo oficinas extracurriculares, reforço escolar em português e matemática, entre outras atividades. Em 2018, recebemos o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (Cebas), do Ministério de Desenvolvimento Social. Além de atender as crianças, geramos mais de 100 empregos na Restinga.

---

EU SOU GARI, NEGRA, FUI ANALFABETA, VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E CÂRCERE PRIVADO, PASSEI BOA PARTE DA VIDA EM SITUAÇÃO DE POBREZA, MAS NUNCA DESISTI DO MEU SONHO. EU SEMPRE DIGO E VOU DIZER: NÃO EXISTE CRIANÇA DA RUA, EXISTE CRIANÇA NA RUA. TODAS VÊM DE UMA FAMÍLIA, CADA UMA COM UMA HISTÓRIA, UMA HISTÓRIA QUE A GENTE TEM QUE ACOLHER.

---



**MIMSEC 4 VARAS**  
COMUNIDADE QUE CUIDA

## PROJETO: ASSOCIAÇÃO 4 VARAS




- \* LOCAL:  
FORTALEZA (CE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1987

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: ADALBERTO BARRETO

 [www.4varas.com.br](http://www.4varas.com.br)

 @mismec4varas

 @mismec4varas

 (85) 98614-2873

Nasci em Canindé, um centro de peregrinações a 110 quilômetros de Fortaleza. Todo ano passam por lá 2 milhões de romeiros, trazendo ex-votos. Eu estava mergulhado naquele universo religioso, em que São Francisco era o grande médico do sertão para os brasileiros excluídos da realidade, vítimas das mazelas da sociedade.

Meu avô tinha um hotel e os romeiros ficavam contando as histórias, os milagres de São Francisco. Fiquei apaixonado: queria ser como o santo. Cheguei a entrar no seminário, mas a vida me levou mesmo para a faculdade de Medicina. Foi revelador compreender que aquelas almas que eu queria salvar no tempo do seminário tinham corpos, que eu queria salvar também. Pareciam dois mundos distantes, mas no fundo estava diante da exclusão do diferente. E lidando com extremos: no mundo mágico religioso, ou católico, diziam que aquilo que não vinha da igreja era coisa de satanás. No mundo acadêmico e científico, o que não vinha da academia ou não era comprovado pela ciência era charlatanismo. Foi a Filosofia – outra faculdade que eu cursava na época – que me ajudou a clarear um pouco desses questionamentos e a somar as minhas crenças e o meu conhecimento. Assumi o compromisso de mostrar ao mundo que eu podia ser um acadêmico, um professor universitário e caboclo sertanejo com muito orgulho! Podia conciliar os dois mundos.

Quando trabalhava na Pastoral da cidade, a convite da Arquidiocese, fui estudar na Europa. Fiz Teologia em Roma, Psiquiatria Comunitária na França e engrenei um doutorado em Antropologia. Na volta ao Brasil, decidi que a pesquisa de campo do meu doutorado seria em Canindé, com as curandeiras! Foi nesse retorno às origens que comecei a ver como era alta a mortalidade infantil, sobretudo por diarreia. A primeira pessoa que a família buscava era a rezadeira, que fazia a reza, dava um chazinho... Se isso não resolvia, mandavam para o hospital.

Vi naquilo uma chance de fazer uma articulação da medicina popular com a medicina científica. Com a formação de antropólogo, perguntei aos médicos: “O que é importante no tratamento da desidratação?” Eles responderam que eram “os sais”, para reestabelecer o equilíbrio. Fiz a mesma pergunta às rezadeiras, e elas: “O chá e a reza!” Então, na época, orientei a fazer um “chá forte”, com sais, e continuar fazendo a reza. Também tive a ideia de levar meus alunos de medicina para entrevistar os romeiros: que doença tiveram? Como se trataram? Como era a conversa com o médico? Isso serviu para os próprios alunos se darem conta da realidade local!

E foi assim que tudo começou. Com a Universidade Federal do Ceará, iniciamos um trabalho de articulação dos saberes para desenvolver potencialidades: as crianças desenham, os raizeiros trabalham a terra, as mulheres fazem bordados à mão... Também como resultado da integração com a universidade, surgiu o projeto de extensão Farmácia Viva e, com ela, as atividades do Horto Medicinal e da Horta Comunitária. Com adubos orgânicos e água retirada com ajuda dos cataventos, a comunidade passou a produzir chás, xaropes e unguentos, que, além de propiciar a melhoria da saúde da própria comunidade, destinam-se à venda, aumentando a renda familiar. A comunidade construiu ainda a Casa da Cura, onde os curandeiros acolhem as pessoas estressadas, vítimas de violência, com insônia ou que sofrem de problemas psicossomáticos, e o Centro de Promoção e Defesa da Criança. Quando acabam as aulas, o grupo do Ateliê de Arteterapia propõe a realização de uma colônia de férias para abrigar as crianças, defendendo-as dos perigos da rua.

Em mais de 30 anos de existência, cerca de 2,2 milhões de atendimentos já foram realizados. O movimento se espalhou pelo país, com parcerias no Ministério da Saúde, expandiu-se para a América Latina e até para a Europa. Temos dezenas de polos de formação no Brasil inteiro por meio da ABRA-TECOM (Associação Brasileira de Terapia Comunitária), criando assim uma rede de vida, onde a gente se humaniza, aprende e rompe o velho modelo de que existe um salvador da Pátria. Praticamos a escuta ativa: você fala de você e eu ouço de mim! Não preciso dar conselhos!

Domesticar o outro interessa apenas a quem está no comando!

---

APRENDEMOS A NÃO OLHAR AS COISAS PELO LADO NEGATIVO. SEMPRE BUSCAMOS O POSITIVO. APRENDI ISSO COM UMA CURANDEIRA MUITO VELHINHA, QUE CERTA VEZ, EM UM MOMENTO DE ANGÚSTIA, ME DISSE: "DOUTOR, NÃO GASTE SUA ENERGIA COMBATENDO AS TREVAS. BASTA SER LUZ ONDE VOCÊ ESTIVER E AS TREVAS VÃO DESAPARECENDO EM SILÊNCIO". NESSE MOMENTO FEZ-SE A LUZ EM MIM E FIQUEI EM PAZ.

---








PROJETO:  
ASSOCIAÇÃO PARA O BEM-ESTAR  
DO MENOR CARENTE DE ESPERANTINA



- \* LOCAL:  
ESPERANTINA (PI)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1990

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: JOHANNES SKORZAK OU JOÃO ALEMÃO

-  [www.amarebrasil.org.br](http://www.amarebrasil.org.br)
-  @amarebrasil
-  @amarebrasilorg
-  (86) 98884-9878
-  amarebrasilorg@gmail.com

Perdi minha mãe aos 5 anos e fui salvo graças a uma instituição. Então, parece que faz parte da minha vocação seguir esse caminho. Quando vi milhares de crianças aqui em Esperantina sem rumo e com fome, minha história voltou à tona.

Eu era seminarista na Alemanha quando um padre me convidou para conhecer um projeto no Brasil, aqui mesmo no Piauí. Estava concluindo meus estudos e vim primeiro para Pedro II, onde encontrei uma situação dramática de falta d'água. Houve uma grande seca no Nordeste entre 1979 e 1983, e a cidade foi muito afetada. Por coincidência, na época estava passando um seriado de TV chamado Asa Branca. Asa branca é um pássaro do Nordeste, símbolo da migração dos nordestinos para o Sul, fugindo da seca. Baseava-se em histórias reais e me tocou profundamente; falava de pessoas que viajavam em pau-de-arara, crianças que morriam de fome, a mesma realidade que encontrei em Pedro II. Prometi a mim mesmo que não deixaria aquele povo só. Voltei para a Alemanha e pedi ao bispo que me deixasse permanecer no Brasil. Ele disse não, mas vim por conta própria, com a ajuda de amigos. Não mais para Pedro II, e sim para Esperantina.

Para minha surpresa, fui recebido com algum descrédito. As pessoas estavam cansadas de políticos que só apareciam nas eleições. Achavam que eu era um aventureiro e que devia ter alguma intenção oculta. Por que alguém da Alemanha viria ajudá-las? Elas não sabiam o que era uma atitude solidária, mas eu não ia desistir.

Meu primeiro desafio naquela terra castigada pela seca, curiosamente, foi uma enchente, que derrubou casas e fez milhares de desabrigados. Em vez de combater os efeitos da estiagem, tive que auxiliar com o excesso de água. Aos poucos, fui vencendo as resistências, que persistiram mesmo nos primeiros tempos da AMARE, a ong que criei para atender crianças de rua, tão desamparadas quanto o menino órfão que eu um dia fui. Hoje oferecemos de oficinas a cortes de cabelo; de dentista a curso de computação.

Durante os oito anos de construção da sede eu apenas recebia doações de amigos da Alemanha para sobreviver. Com o tempo, pessoas da cidade também passaram a nos ajudar. Todos os dias acontecem milagres aqui; é a verdadeira multiplica-



ção dos pães! Nos quase 30 anos de existência da AMARE, já assistimos centenas de crianças. Hoje oferecemos atividades de ensino e qualificação profissional para os adolescentes. Aqui os habitantes são principalmente lavradores. Recebemos muitos depoimentos de pessoas que passaram por aqui, e é gratificante. Mostra que estamos no caminho certo e que vale a pena apostar no bem, como diz o nosso lema: “O amor tudo vence!”. Essa é minha profissão de fé!

Passei momentos difíceis, claro. Em 1993, adoeci: tive uma hepatite grave e me tornei um problema para os outros. Como eu não tinha nada, precisei da caridade alheia. Percebi que não poderia viver na absoluta pobreza, pois se eu não tinha como me cuidar, como cuidaria dos outros? Comecei a pensar em ter alguns bens materiais, quem sabe uma casinha. Um dia, conheci a mulher que seria minha esposa. Me apaixonei e estamos casados há 16 anos. Ganhei outro amor, mas nunca deixei de me empenhar pela AMARE.

---

MEU GRANDE SONHO É QUE A AMARE SEJA CADA DIA MELHOR PARA AS PESSOAS LOCAIS E AJUDE OS JOVENS A ENCONTRAR ALGO POR QUE VALHA A PENA VIVER. NOSSA JUVENTUDE PRECISA DISSO.

---



PROJETO:  
ASSOCIAÇÃO GRUPO DE  
MÃES ANJOS DE LUZ



- \* LOCAL:  
BOA VISTA (RR)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2008

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: MARIA DAS DORES PEREIRA DA SILVA



[www.anjosdeluz.org](http://www.anjosdeluz.org)



Associação Grupo de Mães Anjos de Luz



@grupoanjosdeluz



(95) 3626-3470 | (95) 99122-4796



[contato@anjosedeluz.org](mailto:contato@anjosedeluz.org)

Aos 27 anos, tive um AVC. Passei quatro meses internada, perdi a memória, fiquei paraplégica. Eu já tinha três filhos e o sonho de engravidar de novo. Na época, o neurocirurgião falou para o meu marido que seria impossível. Me tornei cadeirante durante três anos, tomando medicamentos muito fortes para não ter crises convulsivas. Em uma consulta de rotina, o médico disse que eu estava grávida. Ele me deu uma guia para ir ao hospital tirar a criança, alegando que, pela minha condição, eu não poderia ter aquele filho. Fiquei internada enquanto eles encaminhavam os documentos para a aprovação judicial do aborto.

Mas eu queria levar a gestação até o fim. Um dia, fugi, empurrando minha cadeira de rodas até a saída do hospital. Tomei um táxi e fui para casa. A assistente social do hospital veio atrás de mim, mas me recusei a voltar. Fui para o interior decidida a ter a criança. Um médico de lá, que tinha se tornado meu amigo, me mandou um recado: eu deveria voltar para Boa Vista, pois minha gravidez tinha muitos riscos. Acatei a opinião dele e voltei.

Poucos dias antes de completar seis meses de gravidez, tive eclampsia. Fiz uma cesárea urgente, fui para a UTI do hospital geral e Ester, minha filha, ficou na UTI da maternidade. Depois de 30 dias, enfim pude visitá-la. Percebi que ela tinha hidrocefalia, a cabeça grande, irregular. Uma neurologista me disse que nada se podia fazer por ela, que não sobreviveria. Mas eu não desisti.

Ester foi evoluindo, apesar de muitos problemas de saúde, e eu sempre no hospital, quase sem ver meus outros filhos. Quando ela tinha nove meses, fui a uma consulta de rotina e encontrei outra mãe com uma criança na mesma condição da minha, mas respirando por sonda. A criança começou a passar mal e pedimos ajuda à enfermeira, que nos ignorou. Levei para a emergência, gritei por socorro, me mandaram para o fim da fila. Invadi o consultório médico e o médico estava lanchando! Mas ele prontamente parou e levou a criança para a UTI. Nesse momento, dois seguranças me pegaram pelo ombro – a essa altura, eu já andava de muletas – e me disseram que eu nunca mais voltasse ao hospital. Fui embora com tanta raiva!

Contei a história para três amigas, Solange, Dalva e Valdirene. Sugeriu que criássemos um grupo de mães de crianças e adolescentes com deficiência. Uma médica, a doutora Carolina, e uma assistente social se juntaram a nós. Ester já tinha um ano. Assim nasceu a associação Anjos de Luz, que até hoje sobrevive de doações.

Começamos fazendo palestras naquele hospital e em um mês tínhamos 100 pessoas cadastradas no estado de Roraima. Eu levava muita gente para a minha casa, pois não tinham onde ficar na cidade. Ajeitava colchões pelo quintal, embaixo de árvore, a gente se virava. Minha casa foi ficando pequena e conseguimos fazer uma vaquinha e alugar uma maior. Hoje atendemos mais de 4 mil famílias. Diariamente, passam entre 30 e 40 pessoas aqui na Casa de Apoio. Já tivemos mais de 100 em um único dia... Damos abrigo, transporte, alimentação, orientação. Conseguimos próteses, tratamentos. Atendemos comunidades indígenas e moradores de assentamentos, gente que vem do Brasil inteiro, consegue um lote de terra aqui e passa a viver em cabanas de lona, de taipa, sem qualquer apoio.

Meu grande sonho é ver Ester andar. Sou aposentada por causa do AVC e sobrevivo do meu benefício. O Anjos de Luz é tudo na minha vida, inclusive o lugar onde ela recebe tratamento. Quando você recebe a notícia de que seu filho tem uma deficiência, é difícil aceitar!

---

ENTÃO, SE VEJO UMA MÃE CORRER ATRÁS DO TRATAMENTO, DANDO DIGNIDADE AO FILHO PARA REIVINDICAR SEUS DIREITOS, EU ME SINTO REALIZADA.

---








PROJETO:  
BANCO PALMAS



- \* LOCAL:  
FORTALEZA (CE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1998

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: JOÃO JOAQUIM DE MELO

-  [www.bancopalmas.redelivre.org.br](http://www.bancopalmas.redelivre.org.br)
-  @bancopalmas
-  @bancopalmas
-  (85) 3269-9617
-  [edinheiro@edinheirobrasil.org](mailto:edinheiro@edinheirobrasil.org)

Se pudesse resumir em uma frase o que me motivou a criar o Banco Palmas, eu diria que foi a convivência com a extrema pobreza do conjunto Palmeiras. Não tinha água, não tinha luz, não tinha saneamento, não tinha nada. Eram 25 mil pessoas morando na miséria total. E, infelizmente, não foi o meu primeiro contato com a miséria. Antes, eu tinha morado no grande lixão de Fortaleza. Quando você mora no lixão, sua visão é outra. Nunca fui preso, mas para mim não pode existir uma experiência mais brutal do que morar em um lixão. Lá não tem diferença entre o que é bicho e ser humano, lixo e comida. Foi lá que radicalizei minha fé e a vontade de mudar o mundo.

É curioso como fui parar no lixão. Quando eu tinha 18 anos, ainda morava em Belém com meus pais. Escolhi ser seminarista, me mudei para Fortaleza e o cardeal me mandou para o lixão, como uma vivência de fé e trabalho comunitário. Eu queria ser igual àquelas pessoas, disse isso para o cardeal, mas ele, sabidamente, me falou que eu nunca seria como o povo que mora lá. “Você vai ter um compromisso com eles, vai viver como eles, mas nunca vai ser igual. Só eles sabem o que passaram!”

No lixão organizamos a Associação dos Catadores. Naquela época, 1984, isso era muito estranho. E entendi assim que era preciso lutar pela transformação social. A questão era como fazer.

Estudei a Teologia da Libertação, da Igreja Católica, e li muito sobre as cooperativas de crédito na Europa. Também fui educado desde cedo na crença de que a gente pode resolver nossos problemas. Isso nos levou a fazer algo e criamos um slogan: “Ninguém supera a pobreza sozinho”. Essa é nossa filosofia: o primeiro passo é unir as pessoas. Então, já no conjunto Palmeiras, começamos a fazer mutirões e a organizar as famílias. Primeiro, resolvemos problemas de urbanização, drenagem e saneamento no bairro. Em 1998 criamos o Banco Palmas para solucionar parte dos problemas econômicos. Esse banco funciona apenas na comunidade e tem uma moeda própria, a “palma”. Sai governo, entra governo, e nada muda. Esse banco é nosso!

Nesses anos todos, fomos perseguidos pelo Banco Central. Imagine, um banco que começou com R\$ 2 mil de capital. Dois dias depois de aberto, a polícia invadiu e quebrou tudo, alegando que tínhamos dólares. Dois anos depois, o Banco Central



entrou com outro processo para fecharmos, porque tínhamos criado uma moeda. Imagine o departamento jurídico do Banco Central brigando conosco, um grupo de moradores de uma comunidade muito carente, sem advogado? Eu poderia estar preso. Mas um juiz aqui de Fortaleza, muito corajoso, deu ganho de causa para os moradores.

Antes éramos uma agência, hoje somos 103. O Brasil inteiro aderiu, apoiado pelo Governo Federal, por universidades. Atendemos milhões de pessoas pobres no Brasil. O Bolsa Família é importante, mas não resolve. As pessoas precisam de trabalho, renda, sustento. Os bancos comunitários chegam onde outros não chegam e têm a capacidade de gerar renda no local, além de organizar a população. Eu, que utilizo os serviços, também posso ser dono, controlar.

O grande desafio para fundar um banco comunitário não é o dinheiro, isso a gente arruma. É encontrar uma comunidade que acredite nos próprios sonhos. Que diga: “Eu posso ter um banco! Eu posso gerenciar meu próprio banco!”. As comunidades carentes foram treinadas para serem passivas, para receberem ajuda. Nós queremos que elas entendam o papel maior que podem ter na sociedade.

---

O BANCO FOI SÓ O COMEÇO: TEMOS HOJE TAMBÉM NOSSA POUSADA, NOSSA ESCOLA, UM SEGURO DE VIDA PRÓPRIO, UM LABORATÓRIO DE TECNOLOGIA DE INFORMÁTICA. É UM PROJETO DE VIDA DE 36 MIL PESSOAS.

---



# Olho do Tempo

Escola Viva

PROJETO:

ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO



- \* LOCAL:  
JOÃO PESSOA (PB)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2004

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: MARIA DOS ANJOS MENDES GOMES



[www.olhodotempo.org.br](http://www.olhodotempo.org.br)



@olhodotempoescolaviva



@olhodotempo



(83) 3220-1138 | (83) 9 8831-3421



[contato@olhodotempo.org.br](mailto:contato@olhodotempo.org.br)

Quando eu tinha uns 13 anos, morávamos nos Alagados, conjunto de favelas que era quase um símbolo da pobreza em Salvador. Mas não éramos miseráveis, apenas pobres. Minha mãe tinha sonhos que não tinha conseguido realizar; ela achava que os filhos é que realizavam os sonhos dos pais. Hoje, felizmente, as crianças têm autonomia para ter os próprios sonhos!

A família era grande, oito pessoas, mas eu gostava de ficar só. Vivia escapulindo para ler os livros de José de Alencar... Então, um dia, minha mãe sentada comigo, me vendo ler, disse: “Minha filha, pobre não sonha, pobre tem necessidades!”

Será que eu não podia sonhar? Procurei a minha avó, chorando, e relatei a ela o que minha mãe tinha dito. E ela falou: “Minha filha, você não escolhe onde nasce, mas escolhe onde morre!” Isso me abriu uma nova perspectiva. Eu quis saber como se fazia isso de “escolher onde morrer”. “Veja o que você pode fazer de bom. Sente e escreva”, me disse a avó. Então fiz um planejamento e guardei esse papel escrito dentro de um livro.

No dia seguinte continuei a trabalhar com meu pai, pois precisávamos de dinheiro. Meu pai era um sonhador... Um dia falei com ele que precisava aprender a cortar cabelo, porque isso dava certo! Aprendi o ofício e acabei ganhando bastante dinheiro. Tinha muitos meninos no bairro e naquela época todo mundo raspava a cabeça e deixava apenas um pimpão no topo. Era relativamente fácil o corte! Então fiz uns cortes diferentes e as crianças foram gostando. A fila só aumentava do “salão” meio improvisado...

Eu pegava o dinheiro e dava para minha mãe, porque ela é que tinha a necessidade. Eu precisava de um pouco para comprar uns livrinhos, e só. Com o tempo comprei uma vitrolinha para mim... era perfeito!

A vida foi passando, fiz universidade, passei, me formei. Fui aprovada em um concurso do estado, trabalhei uns tempos e não recebi, depois pagaram tudo de uma vez só. Quando recebi meu contracheque, com todos aqueles pagamentos atrasados, levei um susto com o monte de dinheiro. Fiquei rica, de repente! E aí me lembrei da frase da minha avó: “Você escolhe onde nasce, mas não escolhe onde morre!” Fui embora para João Pessoa.

Na capital da Paraíba construí uma vida com muitas possibilidades. Uma vida muito boa. Um dia, pegando um de meus livros, caiu

um papel com aqueles escritos de quando eu tinha uns 13 anos! Lá estava meu plano de vida! Uma das coisas que escrevi era: “Ensinar pessoas da minha classe social que sonhar é possível”.

O sonho é inerente ao ser humano. A necessidade é real, mas ela tem que servir de combustível para você voar!

Fiquei olhando aquele pedacinho de papel e pensando: se tinha combinado isso comigo mesma lá atrás, teria que executar. Vendi tudo que juntei ao longo do tempo e entreguei para uma amiga, pedindo a ela que ficasse com o dinheiro. Porque, se continuasse na minha mão, eu doaria: sou uma doadora universal! Eu não empresto dinheiro, eu doo! Eu não tinha o vínculo com o TER. Essa amiga guardou o dinheiro. Achou loucura, mas guardou.

“Agora vou descobrir um lugar onde haja pessoas com dificuldades para sonhar!”, prometi a mim mesma. Foi assim que criamos a nossa comunidade, em uma área rural de João Pessoa. Pela estradinha que tem aqui é que as pessoas saíam para o mundo. Dizíamos que era o início e o fim do mundo!

Aqui juntamos jovens que não sabiam o que era sonhar, e hoje são coordenadores. Encontramos pessoas cujas necessidades e sonhos se casaram com os nossos, inclusive universidade, professores e outros profissionais. Começamos juntos uma caminhada sem pena, mas com compaixão sempre! Devemos ter compaixão pelo outro, e não pena.

Somos uma associação sem fins lucrativos, com certificação de OSCIP, que busca atender prioritariamente a crianças e adolescentes do entorno. Trabalhamos com autoconhecimento para fortalecer o sentimento de comunidade, a identidade cultural e o pertencimento ao seu espaço e aos seus valores éticos, morais e culturais, além do contato permanente com a natureza. Temos 170 crianças na escola. Todos os educadores são da comunidade, e alguns passaram por aqui. Jovens se aventurando, se descobrindo.

---

NÃO TENHO GRANDES SONHOS. ISSO AQUI JÁ É UM SONHO! ESTOU VIVENDO UM GRANDE SONHO! A PARTIR DAQUI É SÓ SORRIR, VENDO ESTES JOVENS COM A CAPACIDADE DE SONHAR E INVENTAR SUA PRÓPRIA HISTÓRIA. A GRANDE MAGIA HOJE PARA MIM É SONHAR O SONHO DO OUTRO.

---



**elos  
da vida**

PROJETO:  
ASSOCIAÇÃO ELOS DA VIDA



- \* LOCAL:  
FORTALEZA (CE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2001

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: RENATA TÁVORA



[www.elosdavid.com.br](http://www.elosdavid.com.br)



@associacaoelosdavid



@associacao\_elos\_da\_vida



(85) 3244-3536 | (85) 99925-4162



associacaoelosdavid@yahoo.com.br

A Associação Elos da Vida teve origem quando participei de uma pesquisa na Universidade Federal do Ceará (UFCE), em 1997. Eu era professora e meu grupo de pesquisa queria saber por que as crianças estavam indo para as ruas e de onde vinham, se tinham família, quem eram essas pessoas.

A pesquisa terminou em 1998, foi publicada pelo Unicef, teve uma grande repercussão na mídia... Mas não houve nenhuma ação pública depois disso!

Aí, nós, professoras da Universidade, ficamos muito incomodadas. Pois a pesquisa tinha sido toda feita para que isso gerasse políticas públicas para as famílias. Então começamos a fazer ações para aquelas famílias, pois de alguma forma tínhamos invadido a privacidade delas e prometido algum tipo de melhoria.

Eu e outros dez alunos tínhamos ficado com a região oeste de Fortaleza, uma área muito vulnerável e de alto risco. Voltamos para lá sem recursos, mas com vontade de trabalhar e nos colocamos à disposição da comunidade. Começamos a atuar em parceria com as entidades comunitárias da região e ficamos ali três anos, voluntariamente, ajudando a conseguir recursos para essas entidades.

A partir daí entendemos que, com a nossa experiência, podíamos criar uma instituição e oferecer mais ajuda. Nasceu então a Elos da Vida, na Comunidade de Sossego, para fazer atendimentos a famílias, crianças, adolescentes, gestantes, idosos, jovens.

Agora essa sede atua apenas com pessoas com deficiência, um desafio que surgiu quando a Lei de Cotas foi criada. As empresas tinham disponibilidade de vagas, mas não achavam pessoas com deficiência qualificadas no mercado. E havia um grande número de pessoas com deficiência querendo trabalhar. Começamos então a qualificar pessoas com deficiência para o mercado. Fechamos parcerias técnicas e começamos a entrar com projetos em editais. Criamos cursos e oficinas conforme a demanda do mercado.

Essa é a nossa grande satisfação, pois é uma conquista de dignidade, de autonomia, de independência, é a autoestima renovada das pessoas. Temos também outra área de trabalho com pessoas com deficiências mais severas, em que atuamos na área de arte, ensinando dança contemporânea.



Foi assim que surgiu, em 2003, a primeira companhia de dança do Ceará em cadeira de rodas, a Cia. de Dança sobre Rodas. Já recebemos prêmios em nível municipal, estadual, federal, mas o esforço é todo deles. Muitas vezes, uma pessoa passa o ano inteiro exercitando o braço para fazer um movimento da coreografia. Pode parecer muito fácil para a maioria, mas são conquistas incríveis. Hoje já temos turmas de dança com pessoas surdas, que sentem o ritmo da música pela vibração, pelo movimento do chão. E temos uma banda, a Banda Elos.

Oferecemos também cursos profissionalizantes e possibilidades de complemento de renda para as mães com filhos com deficiências mais graves, coisas que podem ser feitas em casa, pois muitas não podem trabalhar fora. As coisas vão se encaixando, se complementando. Enquanto os filhos fazem dança, as mães fazem os figurinos, costumam.

É muito pouco recurso, a sede é pequena, as despesas com transporte para levar e trazer os cadeirantes são altas. Mas é muito prazeroso. A garra, a vontade de mudar alguma coisa é o grande motivador.

As pessoas dizem: “Aqui eu sou feliz. Tenho momentos de alegria e prazer. Sinto a alegria de viver”. Então, não existe dificuldade!

Minha vida mudou. Eu já trabalhava com serviço social, mas aqui são 24 horas por dia de dedicação. Tudo isso me mostrou que a sociedade precisa criar uma cultura de paz, de fraternidade, uma cultura em que as pessoas se ajudem.

---

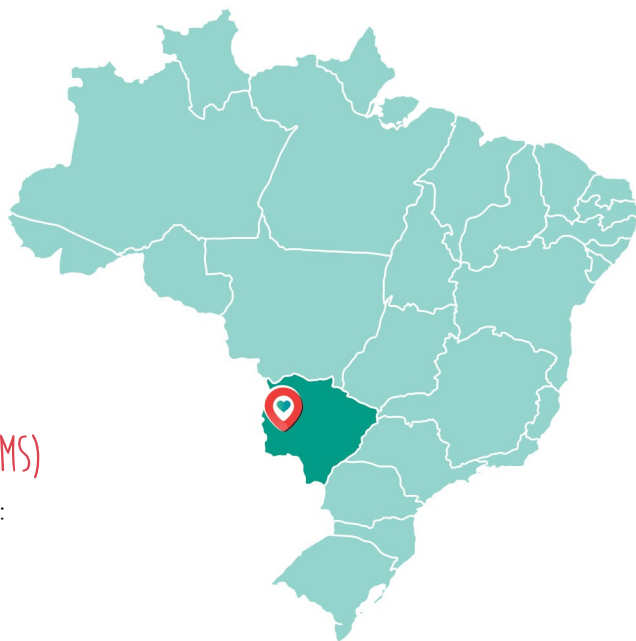
PORQUE SE AS PESSOAS SÓ ESCUTAM NOTÍCIAS TRISTES, DE VIOLÊNCIA, DE DROGAS, ELAS SE ENVOLVEM NESSA VIBRAÇÃO E SE ENTRISTECEM, ACHAM QUE NÃO TEM MAIS JEITO.

---

E tem sim! Basta um pouco de boa vontade, de interesse. Não é nem o recurso financeiro, pois a vontade ajudar vai além do dinheiro. Algumas pessoas chegam aqui e dizem que querem ajudar. Pedimos que deem comida aos meninos, porque muitos não comem sozinhos. Venha empurrar a cadeira de dança, são muitas atividades... Nada disso exige dinheiro!



PROJETO:  
ADOTE 1 ATLETA



- \* LOCAL:  
AQUIDAUANA (MS)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2010

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: CLÁUDIO DOS REIS ALVIÇO



@adoteatleta



adote1atleta@hotmail.com

Joguei basquete a minha vida inteira. Graças ao esporte consegui viajar, conheci pessoas interessantes, aprendi sobre convívio e cooperação. E, claro, sempre soube que o esporte nos ensina a disciplina. Quando me alistei no Exército, essa característica ficou ainda mais forte. Fui militar durante sete anos e ali nasceu a minha vontade de usar esse esporte para ajudar outras pessoas.

Mas eu também tinha a família, que era prioridade, e o sonho foi ficando para depois. Quando minha filha nasceu, prestei curso público e me tornei agente penitenciário. Minha vida mudou muito com isso, e mais ainda a minha visão a respeito das questões sociais. Foi um estímulo extra para querer ver as pessoas jogando basquete e mostrar que não é um esporte de elite. É um esporte de rua, para gente de todos os níveis sociais.

Em 2010 comecei a colocar meu projeto em prática, no tempo que tenho, às vezes abrindo mão de estar com a esposa. Comecei comprando as tabelas e ensinando a jogar na rua mesmo. Hoje estamos em uma escola abandonada, sem nenhuma estrutura. Temos que levar até a água de casa.

No meu trabalho na penitenciária conheci alguns meninos que vinham visitar os pais. A gente revistava as crianças antes da visita e eu aproveitava esse momento para convidá-las a conhecer o basquete. Algumas participam até hoje. Muitas têm baixa autoestima e a prioridade nem era que jogassem basquete, mas que vivenciassem e aprendessem os valores que incorporei quando praticava o esporte na idade delas.

O projeto surgiu assim e foi crescendo. Tem dias em que a gente junta 50 pessoas; às vezes vêm adultos, além dos meninos e meninas. Já fiquei sozinho com uma turma de 64 pessoas e de repente surgiu mais gente para ajudar. Por isso acredito que quando você pensa em fazer o bem, as coisas acontecem sem necessidade de planejamento. E hoje, apesar de a gente estar com bola velha, com toda dificuldade, não paramos para lamentar. Se não, não fazemos!

Muitos internos, quando saem para o regime semiaberto, vêm ver o filho treinando e me agradecem. Eles passam anos sem conviver com as crianças – e de alguma forma eu acabo preenchendo um pouco essa falta do pai. Imagine você presenciar uma pessoa que ficou reclusa por um erro que cometeu, um cara que dentro do presídio precisa ser forte, carrancudo, e que, quando vê o filho no projeto,

chora e te agradece. Se alguém me oferecesse um salário para fazer o que faço, não aceitaria. Isso não tem preço.

No nosso estado, para ser agente penitenciário é preciso ter curso superior. No meu caso, tenho até pós-graduação. E ficamos limitados a apenas abrir e fechar celas, levar presos para tomar sol.

---

TEMOS UM POTENCIAL MUITO GRANDE, DEVERÍAMOS EXPLORAR MELHOR NOSSO CONHECIMENTO PARA AJUDAR ESSAS PESSOAS. ESTAMOS ALI TRABALHANDO UM PROBLEMA-FIM — O INDIVÍDUO QUE JÁ COMETEU O ERRO — E FICAMOS CONSTRUINDO MAIS PRESÍDIOS, INVESTINDO MAIS EM SEGURANÇA. TALVEZ PUDÉSSEMOS TRABALHAR NA PREVENÇÃO.

---

É claro que existem indivíduos de índoles diferentes, mas a maioria quer mudar! Muitos estão presos por causa de drogas – lícitas ou ilícitas. Se oferecêssemos outros caminhos para esses, apenas cerca de 20% do contingente atual continuariam na cadeia.

Infelizmente acaba acontecendo muito de o filho seguir o caminho do pai. Seria muito bacana se tivéssemos uma estrutura para atender a essas crianças, dar lanche, aula de música, reforço escolar, oficinas – e assim evitar que caíssem na criminalidade. O basquete poderia ser uma dessas oficinas, mas poderíamos ensinar um monte de coisas no contraturno. Eu sonho grande: quero fazer de Aquidauana uma referência no basquete e quem sabe em outros esportes. Tenho certeza de que passando a consciência do valor do esporte e de tudo de bom que a gente consegue com ele vamos muito além das duas tabelas que hoje existem na nossa rua. Vamos mudar a vida das pessoas!








**Casa da Esperança**  
fundação especial permanente

**PROJETO:**  
CASA DA ESPERANÇA



- \* LOCAL:  
FORTALEZA (CE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1993

**FUNDADORA E RESPONSÁVEL: FÁTIMA DOURADO**

-  [www.autismobrasil.org](http://www.autismobrasil.org)
-  @autismobrasil
-  @casadaesperanca1993
-  (85) 3273-6961
-  [casadaesperanca@autismobrasil.org](mailto:casadaesperanca@autismobrasil.org)

Sou médica, mãe de seis filhos. Em 1993, eu tinha quatro, dois deles com autismo. Naquela época, não se conhecia tão bem o autismo como hoje, embora essa condição ainda hoje seja um grande desafio para quem tem a doença, para quem convive com ela e para quem trata dela.

Na cidade de Fortaleza, onde moramos, só havia uma escola que aceitava crianças autistas. Na década de 1990, era comum crianças com esse diagnóstico serem convidadas a se retirar das escolas regulares. Elas não podiam permanecer na mesma sala que seus pares cronológicos, como se não tivessem direito à educação. Iam para escolas especiais, e esse foi o rumo que meus dois filhos tomaram.

O mais velho tinha 13 anos em 1993, quando foi convidado a deixar a escola que frequentava, justo aquela única que ainda recebia crianças e jovens com autismo. Na época, estava começando a apresentar comportamentos mais desafiadores, comuns aos jovens nessa faixa de idade. Para mim, foi extremamente difícil. Foi como se eu tivesse colocado dois rapazes, dois meninos lindos, e em minha opinião, perfeitos, seres humanos completos, em um mundo despreparado para recebê-los. Minha revolta foi tal que larguei tudo o que fazia até então e comecei, com outras oito mulheres, também mães de autistas, o projeto Casa da Esperança.

Olhando para trás, foi um desafio gigantesco. Conseguimos uma pequena parceria com o poder público e montamos uma equipe multiprofissional para construir e socializar o conhecimento que adquirimos.

Quando o empreendimento completou dez anos, já havíamos construído uma bela sede própria, treinado professores da rede pública e inserido estudantes com autismo na rede regular de ensino. Novos desafios, porém, surgiam a cada dia. De todos os lugares do Brasil e mesmo outros países chegavam novas crianças. Os tratamentos que haviam se mostrado eficazes anteriormente não se aplicavam a todos os casos, o que exigiu de nós novas pesquisas.

Foi assim que conseguimos o credenciamento do SUS, o que nos deu suporte financeiro para garantir a manutenção e a ampliação de nosso empreendimento. Em nosso esforço por



aprofundar o conhecimento sobre autismo, despertamos o interesse e o respeito de grandes profissionais e organizações pela Casa da Esperança, como Ami Klin, então coordenador do programa de autismo da Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

Passados mais de 25 anos, só a sede de Fortaleza atende 400 pessoas com autismo em regime intensivo, de quatro ou oito horas por dia, e realiza mais de mil procedimentos ambulatoriais diariamente. Trabalhamos também com produção e difusão de conhecimento por meio da distribuição de livros e cartilhas, palestras nas escolas e congressos, aqui e no exterior. Nosso ativismo é em defesa da neurodiversidade e dos direitos humanos das pessoas com autismo. Aquele desafio inicial deu origem a uma enorme rede de parceiros, ideias, cérebros, corações, vidas humanas colocando todo seu potencial a serviço das pessoas com autismo. Para nossa alegria, a genética e a neurociência social aplicada apontam perspectivas promissoras nessa luta.

---

JÁ NÃO ESTAMOS SOZINHOS. ROMPEMOS O AUTISMO SOCIAL. PARTICIPAMOS DE UM GRANDE E VIGOROSO MOVIMENTO MUNDIAL DE LUTA PELA SAÚDE, EDUCAÇÃO E DIGNIDADE DE PESSOAS AUTISTAS.

---

A Casa da Esperança é minha grande razão de viver. Hoje sei que nasci para isso. É o trabalho de minha vida, mas não é trabalho para uma vida apenas, e sim para muitas, bem mais importantes e nobres que a minha. Vidas que se consagram à tarefa de construir, a cada dia, pontes transitáveis e seguras entre pessoas autistas e não autistas.



F A Z E N D A  
D A P A Z

PROJETO:  
FAZENDA DA PAZ



- \* LOCAL:  
TERESINA (PI)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1994

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: CÉLIO LUIZ BARBOZA E PADRE PEDRO BALZI



[www.fazendodapaz.org.br](http://www.fazendodapaz.org.br)



@fazendadapaz.piaui



@fazendadapazpi



(86) 3221-5995 | (86) 98894-9789



diretoria@fazendadapaz.org.br

O projeto da Fazenda da Paz nasceu do encontro entre a minha história de vida e a história de vida do Padre Pedro, que veio da Itália.

Com 9 anos de idade, eu era um menino comum, caçula de uma família de Belo Horizonte que me deu tudo de bom: família, religião, escola, amor. Era também um menino danado, como qualquer outro. Porém, aos 11 anos, no campinho de futebol perto da minha casa, conheci as drogas. Foi pesado. Eu estudava no Salgado Filho; no caminho para a escola, encontrava algumas pessoas e íamos usar drogas. Daí até a criminalidade foi um passo. Aprendi a roubar carro, sendo que o da moda era o Corcel, na época. Com o tempo, fui para a rua e virei o “Celinho Caixão”.

Na rua, entendi que os outros só me respeitariam se eu fosse bandido. Era o tempo da ditadura. Fui espancado e torturado, não porque estava rezando, e sim porque fui pego cometendo barbaridades. Eu não sei se é muito bom falar aqui, mas são barbaridades que muitas pessoas não cometeram, como assalto, homicídio, levar menina para a prostituição. Sabe? Coisas que só vemos em filme. Esse filme foi a minha vida.

Me casei com uma pessoa envolvida no tráfico e que era da polícia. Entrei para o narcotráfico. Vendia quatro mil quilos de maconha por mês. Passei a ser temido no morro. Ao mesmo tempo, eu era um rapaz bonito, de boa aparência, me vestia bem e tinha presença na sociedade. A sociedade compra a pessoa. Não quer saber de onde você veio, como veio, o que fez. Eu andava no meio da alta sociedade, mesmo. Qualquer porta se abria. E ninguém queria saber. Eu aproveitava a situação para envolver pessoas; na minha cabeça, fui doutrinado para ser bandido, roubar, atirar, usurpar e ter sucesso com isso.

Vivi assim até 1984, quando houve uma tragédia muito grande na nossa família: meu irmão foi morto. Naquele momento, o grupo das pessoas com quem eu andava passou a me dizer: “Ou você muda ou se muda”. Ou: “Muda, se muda, ou morre”. Nessa época apareceu a Fazenda do Senhor Jesus, do Padre Aroldo, segunda comunidade terapêutica do Brasil. Eu fui para dar um tempo, para reaver o que tinha perdido, porque ainda pensava em voltar e retomar a história do Celinho Caixão. Eu amava ser esse personagem porque as pessoas tinham medo de mim. A polícia corria de mim. Eu era um jovem de 24, 25 anos, com todo esse poder na mão. Vocês estão longe de imaginar que adrenalina é essa.

Mas água mole em pedra dura tanto bate até que fura: pouco a pouco, fui me transformando no homem que eu sou hoje. O amor da minha família me salvou e voltei para casa. Até o Padre Osvaldo me chamar para montar a comunidade Fazenda Recanto de Canaã, que existe até hoje.

Acabei me envolvendo na questão de comunidades terapêuticas. Fui para São Paulo, encontrei o Padre Sílvio e fiz outros amigos, entre eles o Totonho, irmão da minha atual esposa, Eneida. Numa viagem com ele para o Piauí, conheci o Delta do Parnaíba. Também no Piauí conheci o Padre Pedro, que saiu da Itália, foi para a Suíça e veio parar em Teresina. Já tinha um ano que eles estavam rezando, se encontrando, se reunindo para montar um centro de recuperação, mas não sabiam por onde começar. Eu sabia, porque tinha passado por alguns. Apresentei o projeto e assim nasceu a Fazenda da Paz.

Fomos construindo passo a passo, aprendendo, e a família cresceu. O primeiro que chegou nos ajudou a construir a estrada de acesso na foice e no machado. Outro ajudou a abrir o terreno onde é hoje a nossa casa. Cada um ensinou o que sabia. Foi essa convivência entre pares que construiu a grande comunidade que é Fazenda da Paz. Começamos em uma casa de taipa de 20 metros quadrados que abrigava 12 pessoas, em 1995. Hoje temos cinco unidades: Terra da Esperança, Flor de Maria, Luz e Vida, Maria Madalena e Mãe da Misericórdia. Já atendemos mais de trinta mil pessoas. Em acolhimento chegamos a 16 mil pessoas. 69% têm êxito na recuperação. A Fazenda da Paz encaminhou quase 50% das pessoas que recebemos para o mercado de trabalho.

---

O CÉLIO DE ANTES ERA UM NADA, UM EGOCÊNTRICO, UM BABACA. HOJE EU SOU O HOMEM MAIS FELIZ DO MUNDO E AGRADEÇO A DEUS. NÃO POSSO PEDIR NADA A DEUS. NADA. NÃO TENHO NEM COMO PEDIR. NEM CARA DE PAU EU TENHO PARA PEDIR A DEUS.

---



Associação  
Arte Cidadã

PROJETO:  
ARTE CIDADÃ



- \* LOCAL:  
SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER (MT)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2002

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: JEFERSON GONÇALO RIBEIRO



@artecidada



(65) 98413-8766

Tive uma formação privilegiada, estudei fora, frequentei o seminário. Essa possibilidade de conhecer lugares e culturas diferentes despertou em mim o desejo de oferecer as mesmas oportunidades a outras pessoas da minha cidade. Queria que elas enxergassem além dos muros de Santo Antônio. Então, em 1992, comecei um trabalho com música voltado para o culto católico.

Eu já estava nessa lida fazia 10 anos quando foram divulgados alguns dados sobre o município que chamaram muito a minha atenção: Santo Antônio do Leverger ocupava o terceiro lugar em prostituição infantil no estado do Mato Grosso, em termos relativos. Os índices de gravidez na adolescência eram alarmantes e tinha havido um crescimento expressivo do tráfico de drogas. Fiquei pensando em uma forma de intervir nessa realidade. E encontrei.

Sou professor de música da rede pública e decidi criar um coral adulto, que ensaiaria na garagem da minha casa. Dois anos depois, já eram dois corais. O coro infantojuvenil cresceu tanto que se dividiu em três. Hoje são quatro ao todo, três para crianças e jovens e um comunitário, para adultos. Mais tarde começamos a ensinar instrumentos de corda, e isso chamou a atenção dos professores da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Em reconhecimento ao nosso trabalho, eles nos propuseram criar um núcleo de extensão da UFMT na Associação Arte Cidadã. Tudo isso na minha casa, onde todos os espaços da minha casa estão ocupados pela Associação. Privado mesmo só o quarto de dormir, né? Por isso a relação fica muito próxima, muito afetiva. As crianças tomam bênção, chamam a gente de tio, de tia. Os coros ainda ensaiam na nossa garagem, de sete por três metros. Como tudo aumentou muito após a parceria com a Universidade, buscamos uma escola estadual do município e fomos acolhidos. Agora usamos as salas de aula aos sábados para ensinar os instrumentos.

Minha esposa cantava no coro; foi onde eu a conheci. Nos casamos e ela comprou o “pacote” completo: hoje é a presidente da Associação. Quando eu comecei, não tinha a pretensão de fazer nada grande, pensei em algo que pudesse tocar sozinho. Com a Magda, ampliei o trabalho. Porque as pessoas vinham e a gente não sabe dizer não. Estamos sempre abertos a novas vozes: a criança pode chegar em qualquer época do ano.

Em 2012 tínhamos chegado ao limite, e boa parte da nossa renda estava comprometida com o trabalho com os corais e as aulas. Reunimos os pais e dissemos que estava na hora de estruturar formalmente a associação. Formou-se uma comissão e em 2013 constituímos juridicamente a Associação Arte Cidadã.

Hoje já temos pessoas que começaram a participar do coral, descobriram um sentido para a vida e foram fazer faculdade de música. É o caso da Luana, que é nossa professora voluntária. E a gente faz todo o esforço para manter esses “filhos” atuando na Associação, né? É como a gente os considera. A Magda e eu ainda não temos filhos, mas ajudamos a criar os dos outros, que se tornam filhos da gente também. Com isso, a gente ganha mais do que oferece; eu digo isso sem nenhum tipo de falácia.

O trabalho realmente dá resultados, inclusive de afastar os jovens das drogas, porque o acesso à droga vem da convivência com determinados grupos. No momento em que você oferece para aqueles meninos um ambiente positivo e uma convivência sadia, o vínculo muda tudo. A pessoa percebe que não precisa se drogar.

Nossa grande dificuldade continua sendo a manutenção. Hoje são quase duzentas crianças, mas é muito inseguro. Vários alunos estão fazendo faculdade de música, mas eles vão precisar trabalhar, né? Precisamos de uma estrutura para acolher essas pessoas e permitir que elas possam continuar o projeto que começamos.

Meu sonho é poder me dedicar exclusivamente à Associação para que ela possa crescer e atender ainda mais gente. Atrair as pessoas mais simples, para que conheçam a cultura de qualidade e a música, a arte. A gente pensa grande, e uma das coisas que pensamos é que não conseguimos chegar aos bairros onde somos mais necessários.

---

SEGUIMOS O PRINCÍPIO DA HOLÍSTICA DE PENSAR GLOBALMENTE E AGIR LOCALMENTE. A GENTE ACREDITA QUE, SE FIZER UM BEM PARA ESTA CIDADE, VAI INSPIRAR OUTRAS PESSOAS E MULTIPLICAR ISSO PARA OUTROS LUGARES. MUITA GENTE DIZ QUE SE A GENTE FOSSE PARA CUIABÁ TERIA DINHEIRO. MAS FOI AQUI QUE FOMOS PROVOCADOS, E É NESSA REALIDADE QUE QUEREMOS INTERVIR.

---




PROJETO:  
FAMÍLIA ALD BRASIL



- \* LOCAL:  
CURITIBA (PR)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2010

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: LINDA FRANCO

 [www.gabrielpollaco.blogspot.com](http://www.gabrielpollaco.blogspot.com)

 @lindafrancogabrielpollaco

 @lindafranco78

 lindafranco78@gmail.com



Sou mãe de três filhos, Gabriel era o do meio. Sempre falo que Gabriel veio com uma missão diferente. Essa missão a gente foi descobrindo ao longo do tempo.

Gabriel era uma criança dita normal, foi à escola, fazia esporte, se alfabetizou. Na época da alfabetização é que começaram os sintomas da adrenoleucodistrofia, uma doença rara. Meu filho apresentou uma inesperada mudança de comportamento. Quando você vê uma criança de 6 anos agitada, agressiva, não passa pela sua cabeça que seja por causa de uma doença degenerativa e desmielinizante. Então, a gente não fazia ideia. A escola começou a me chamar para reuniões. Perguntavam: “O que está acontecendo em casa?” Gabriel não queria ir para a escola, a escola achava que era em casa, eu achava que era na escola.

Com o tempo, meu filho não conseguia mais fazer as tarefas. Para piorar, também ficou cego, primeiro sintoma evidente da doença.

Eu já estava desesperada, indo de médico em médico. Não foi fácil chegar até os especialistas em adrenoleucodistrofia. A gente leva em todas as especialidades, mas quando chega a informação de que seu filho precisa de um neurologista, a sensação é de surpresa. E tudo foi acontecendo muito rápido. Gabriel entrou no hospital andando e cego, mas ainda falava algumas palavras. A última palavra dele foi “Mã”. Duas semanas depois, parou de andar e falar. Ele tinha sete anos.

Na primeira ressonância dele, não deu adrenoleucodistrofia, que é o diagnóstico exato. Deu outra doença, o que fez com que a gente perdesse mais tempo. Quando finalmente uma médica especialista viu a ressonância do Gabriel e identificou a doença, ele já tinha lesão cerebral. O exame definitivo não era feito no Brasil na época, então o diagnóstico só foi fechado em 2009, quando o Gabriel já estava acamado, não andava, não falava, não enxergava e já não se alimentava via oral.

Se no início da nossa busca um pediatra tivesse desconfiado da adrenoleucodistrofia, teria nos encaminhado para transplante de medula óssea. E hoje o Gabriel seria uma criança normal - não gosto de usar a palavra normal, mas ele poderia estar na escola, com amigos da idade dele.

Por isso eu faço esse projeto. Por isso eu me esforço, coloco um sorriso no rosto, sigo em frente para levar a informação sobre a

doença à sociedade e também aos acadêmicos de medicina, de enfermagem, fisioterapia, para que, diante de outro caso, esses profissionais possam um dia desconfiar e dar opção às famílias. Eu não tive a oportunidade, mas acredito que posso trabalhar para tentar mudar esse quadro.

No tempo que passei no hospital com Gabriel, a porta do quarto esteve sempre aberta. Fui conhecendo as outras mães e suas necessidades. Meu filho tinha tudo o que ele precisava naquele momento, mas outras famílias não, então eu ia até minha casa e trazia doações, material básico hospitalar. Mesmo depois a gente manteve contato.

Nunca desejei, mas inconscientemente foi acontecendo esse trabalho lindo. Entrei em contato com famílias que estavam começando essa trajetória. Sabia o que as mães enfrentariam, então me adiantava e conseguia equipo, frasco, seringa, gaze, material básico hospitalar. Porque a família muitas vezes vai na unidade básica de saúde com pedido médico, e lá dizem: “Daqui 30 dias chega”. Como assim? A família vai ficar no hospital mais 30 dias sujeita a infecções por falta desse material?

---

FAZEMOS CAMPANHA E VAMOS ANGARIANDO OS MATERIAIS.  
COMECEI A USAR AS REDES SOCIAIS E COM ISSO EM POUCOS MINUTOS  
CONSIGO CONECTAR FAMÍLIAS QUE PODEM SE AJUDAR E DOAR. E,  
MUITAS VEZES, O QUE QUERO É LEVAR UM ABRAÇO PARA A FAMÍLIA.  
PORQUE ÀS VEZES A GENTE SÓ PRECISA DE UM ABRAÇO, DE ALGUÉM  
PARA OUVIR O QUE ESTAMOS SENTINDO NAQUELE MOMENTO.

---

Foi assim que nasceram as filiais no Brasil. Nunca eu sonhei com filial; como assim, eu criar um grupo e ter extensões no Brasil e em outros países, como Portugal, México e Paraguai? Nunca sonhei com isso, mas mostramos que é possível.



## PROJETO: MÃEZINHA DO CÉU



- \* LOCAL:  
SORRISO (MT)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2000

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: CLÉUVIS JOSÉ DOS SANTOS



@associacaomaezinhadocEU



@maezinha\_do\_cEU



(66) 3544-9225



adm\_maezinhadocEU@hotmail.com

Perdi meu pai cedo, o que me deixou meio perdido, sem referências de liderança. Cedo comecei a trabalhar num tunguete, jogo de baralho, cobrando barato, e ali conheci as drogas e a prostituição. Me deixei seduzir pelos encantos do crime. Vim para Mato Grosso, mas sempre me envolvendo com situações erradas. Até o dia em que me meti em uma briga e atirei em uma pessoa em Cuiabá. Vim fugido para Rondonópolis e depois para Lucas do Rio Verde. Lá, em mais uma situação de conflito, tirei a vida de outra pessoa, fui preso e transferido para a delegacia de Sorriso, porque queriam me linchar. Eu agi com muita violência: dei 16 facadas na minha segunda vítima. E foi em Sorriso que Deus mudou minha vida completamente.

Depois de um encontro na Pastoral eu revi toda a minha história. Naquela noite não dormi, fiquei só pensando nos meus filhos, porque eu poderia ter sido tudo para eles. A droga causa um dano terrível, te aniquila como ser humano: você fica insensível, perde o amor, o respeito, se torna um monstro. É muito difícil sair desse mundo.

Mas uma coisa boa aconteceu: em Sorriso, fui enquadrado em um projeto muito bacana de um juiz sensível, que acreditava na mudança do ser humano. Fui julgado depois de 1 ano e 6 meses e fiquei só 70 dias na prisão. Mesmo assim, lutei muito contra o vício. E tinha MUITO medo de fazer mal à minha família e aos outros pela necessidade de usar drogas. Eu saía lá do bairro, ia para a capela de madrugada rezar, pedir forças. Se alguém me desse “bom dia” na rua, tinha vontade de atacar, de tanta raiva que eu tinha de mim. Achava que não ia conseguir. Então comecei a pensar em um projeto. Poderia me dar a motivação de que eu precisava.

O Jardim Amazônia era um dos bairros da cidade onde os adolescentes mais roubavam bicicleta. Lá havia um lixão, uma antiga cascalheira onde todo mundo jogava lixo. A gente olhou para esse lugar e disse: “É aqui”. Meu sonho era construir uma capela, um espaço onde Deus pudesse ser adorado, e algumas salas para ensinar aos adolescentes. Eu pensava nos adolescentes porque achava que estavam mais expostos à droga. E eu, que eu já tinha experimentado, não queria que os outros experimentassem, porque conheci o prazer e a dor mais profunda do mundo do vício.

Começamos a reunir os meninos na minha casa. A gente rezava e se esforçava para eles confiarem em nós. Contávamos histórias, até o dia em que compreendemos a força das histórias deles. Criamos um teatro: pedíamos para eles trazerem a roupa do pai, e os jovens encenavam o pai chegando em casa, derrubando mesa, batendo na mãe. Oferecíamos comida e também nossa percepção da realidade deles, dos traumas que guardavam, da revolta que algumas crianças tinham.

Quando conseguimos esse terreno, no início foi uma loucura. Algumas pessoas da igreja nos desaconselharam: “Cara, abandona isso aí, se comprar um terreno lá em cima gasta menos do que para aterrar esse lixão”. Mas, para mim, tinha que ser ali. Levamos cinco anos para aterrar. Nesse período trabalhamos em casa, pedíamos nas empresas de terraplanagem, na prefeitura; as pessoas concordavam e voltavam atrás, porque um só não dava conta, uma empresa achava muito caro para bancar. Doações finalmente viabilizaram o projeto, tocado em esquema de mutirão. Parecia um sonho. Uma empresa deu 50 caminhões, uma pessoa deu 30, simplesmente começaram a chegar. Deus sempre nos surpreendeu.

Hoje atendemos mais de 150 crianças. Um bazar de roupas usadas que temos aqui dentro nos ajuda a manter as oficinas. Sem falar na generosidade do povo de Sorriso. Não tenho palavras para isso.

Eu era um traficante, usuário de drogas, dependente químico. Cometi homicídio, várias tentativas de homicídio e sou ex-detento. Uma pessoa sem coração durante um bom tempo da minha vida. Um lixo mesmo, uma coisa estragada. E há quinze anos eu mudei. O que eu quero com isso?

---

QUERO MOSTRAR QUE É POSSÍVEL MUDAR. É POSSÍVEL ACREDITAR NO SER HUMANO, INDEPENDENTEMENTE DA CONDIÇÃO EM QUE ELE ESTEJA OU VIVA. NUNCA VIRE AS COSTAS PARA NINGUÉM. DÊ UMA OPORTUNIDADE.

---



## PROJETO: FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS



- \* LOCAL:  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1972

FUNDADOR: MÁRIO OTTOBONI RESPONSÁVEL: VALDECIR ANTÔNIO FERREIRA



[www.fbac.org.br](http://www.fbac.org.br)



@fraternidadebrasileiradeassistênciaaoscondenados



@fbacoficial



(37) 3242-4225



[fbac@fbac.com.br](mailto:fbac@fbac.com.br)

A primeira Apac, Associação de Proteção e Assistência a Condenados, nasceu em São José dos Campos em 1972, idealizada pelo advogado e jornalista Mário Ottoboni. Vim a conhecer o projeto alguns anos depois de visitar o presídio de Itaúna, em Minas Gerais. Na época eu tinha 21 anos, já se foram mais de 30 anos desde então. Fiquei tocado com a situação terrível dos presos, tratados como lixo da humanidade, e iniciamos um trabalho pastoral na cadeia. Reunimos um grupo de pessoas que também estavam interessadas em cuidar dos presos e tentar mudar a sorte daqueles homens. Depois de três anos, entre tantas leituras, descobri um livro do Mário Ottoboni, no qual ele falava do trabalho da Apac em São José. Fomos conhecer e, ao chegar lá, tomamos consciência de que deveríamos levar para Itaúna uma experiência igual ou semelhante àquela.

Lá os presos eram tratados como pessoas, os direitos humanos eram respeitados, os deveres eram cobrados; não havia armas, não havia policiais! Era um sonho que nós acalentávamos havia muito tempo e que descobrimos que poderia ser real.

Certamente não foi fácil levar para uma comarca do interior, como é a cidade de Itaúna, um projeto de tamanha grandeza. Foi um trabalho hercúleo de convencimento das autoridades e uma luta para derrubar os preconceitos da sociedade, tirar do inconsciente coletivo aquela ideia ferrenha de que “bandido bom é bandido morto”.

Não se muda toda uma cultura da noite para o dia, são necessárias décadas, muitas vezes. Foi um trabalho de formiguinha, sem trégua, até convencer as pessoas. Em paralelo, aos poucos fomos adquirindo uma estrutura. Ganhamos um terreno, via doação, e iniciamos uma série de campanhas para construir o que hoje chamamos de Centro de Reintegração Social.

Passados alguns anos nós já tínhamos a nossa primeira Apac. Então, com o apoio do poder judiciário, em especial de nosso juiz Dr. Paulo Antonio de Carvalho, a comunidade de Itaúna foi convocada para a construção de um novo centro de reintegração social, onde hoje funciona a Apac masculina. Naquele primeiro prédio passou a funcionar a Apac feminina.

Temos dezenas de outras Apacs, em diferentes estágios de implantação, em todo o Brasil. São congregadas pela Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC), associação civil de direito privado sem fins lucrativos cuja missão é manter a unidade de propósitos das suas filiadas e assessorar e multipli-

car as Apacs. E eu não tenho dúvidas de que este século será marcado pela experiência das Apacs. Tanto é verdade que 23 países do mundo já conhecem a metodologia, que é genuinamente brasileira, e aplicam parcialmente o método em nações nos cinco continentes. Uma Apac não nasce por decreto, não nasce pela decisão desta ou daquela autoridade do poder judiciário executivo ou legislativo.

---

A APAC É O RESULTADO DA SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA QUE TOMA CONSCIÊNCIA DO PROBLEMA PRISIONAL, QUE SE CANSOU DOS ALTOS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE E QUER DAR UM BASTA.

---

O modelo apaqueano foi reconhecido pelo Prison Fellowship International (PFI), organização não governamental que atua como órgão consultivo da Organização das Nações Unidas (ONU) em assuntos penitenciários, como alternativa para humanizar a execução penal e o tratamento penitenciário. Hoje, sabemos que o custo de cada preso para o Estado corresponde a quatro salários mínimos, enquanto na Apac esse valor cai para um salário e meio. O índice nacional de pessoas que voltam a praticar crimes é, aproximadamente, de 85%; na Apac, 8,62%.

A Apac não é remunerada para receber ou ajudar os condenados. Ela se mantém por meio de doações de pessoas físicas, jurídicas e entidades religiosas, de parcerias e convênios com o Poder Público, instituições educacionais e outras entidades, da captação de recursos junto a fundações, institutos e organizações não governamentais, bem como das contribuições de seus sócios. O método da Apac tem transformado prisioneiros em cidadãos, reduzindo a violência fora e dentro dos presídios, conseqüentemente diminuindo a criminalidade e oferecendo à sociedade a tão sonhada paz.



Escola  
Maria Teixeira



PROJETO:  
ESCOLA MARIA TEIXEIRA



- \* LOCAL:  
LUZIÂNIA (GO)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1994

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: SILVANA PATRÍCIA DE VASCONCELOS

-  [www.escolamariateixeira.com](http://www.escolamariateixeira.com)
-  Escola Maria Teixeira
-  @escola.mariateixeira
-  (61) 98144 - 3406 | (61) 99261 - 0540
-  [contato@escolamariateixeira.com](mailto:contato@escolamariateixeira.com)

Há mais de 25 anos, meu irmão comprou uma chácara. Lá reuníamos a família e os amigos para usufruir do espaço; era o nosso lazer, mas éramos muito jovens na época, e além de jovens, bem idealistas. Começamos a observar que o uso desse espaço tão importante, tão precioso, apenas para o lazer da nossa família era muito pouco diante de tanta necessidade que a gente via na região.

Alguns amigos se juntaram a nós e, com nossos familiares, decidimos transformar a chácara em um espaço social onde pudessemos fazer alguma coisa, contribuir para melhorar ao menos um pouco a situação das pessoas do entorno. E nos questionamos sobre qual seria nosso projeto, o caminho mais adequado, o que realmente faria a diferença na vida dos moradores. Pensamos na educação, na escola como forma inequívoca de transformar realidades, e foi assim que nasceu a Maria Teixeira. Graças a ela, pudemos comprovar, na prática, o papel da educação como agente transformador.

Começamos então a pensar na estrutura e na regulamentação, em como botar tudo isso em pé. Nossa escola é fruto de doação: tudo o que temos foi doado por alguém em algum momento. Meu pai, na época, fez as primeiras carteiras. Lembro que ganhamos alguns armários embutidos e ele descobriu um jeito de transformar as gavetas em carteiras, virando-as, colocando pés e pintando.

Uma vez que tínhamos nos organizado, chegou a hora de buscar os alunos.

Na época as escolas eram muito mais distantes do que hoje e havia crianças especiais em casa, sem estudar, principalmente na nossa região, que é rural. Então, fomos literalmente de porteira em porteira, de fazenda em fazenda, chácara em chácara, procurando crianças sem escola. Para nossa surpresa, as pessoas nos atenderam. Encontramos muitas crianças especiais, que chamamos para estudar conosco. E elas vieram.

A escola recebe hoje cerca de 250 alunos, matriculados regularmente. Temos 19 turmas ao todo, realizando diferentes tipos de atendimentos e cobrindo todas as etapas da primeira etapa do Ensino Fundamental. São alunos de 2 meses de vida até idosos, porque também oferecemos alfabetização de adul-

tos. Muitos apresentam algum tipo de deficiência. Temos crianças autistas, surdas, cegas, alunos com paralisia cerebral, com deficiência física. Oferecemos várias modalidades de atendimento e buscamos desenvolver diferentes tipos de atividades de acordo com a necessidade de cada um.

Nossas turmas recebem nomes de elementos da natureza, até como forma de reverenciar e nos igualar em termos de importância no universo. Então, temos a Turma Semente, que é a dos pequenos, e se transforma na Turma Morango, depois na Turma Estrela, Sol, Arco-íris, Céu, Borboleta, Passarinho, e todos se harmonizam, se respeitam e se sentem igualmente importantes, porque os elementos se completam e deixam nossa vida mais bonita.

---

É DIFÍCIL DIZER, PARA MIM, O QUE A ESCOLA MARIA TEIXEIRA REPRESENTA. SOU PROFUNDAMENTE AGRADECIDA PELA OPORTUNIDADE DE SONHAR QUE SERIA POSSÍVEL UMA ESCOLA ASSIM, QUE ACOLHE A TODOS DA MESMA FORMA AMOROSA. E DE REALIZAR ESSE SONHO.

---

Sou infinitamente outra pessoa, imensamente grata a Deus. Se eu pudesse eu ajoelharia todos os dias em gratidão por ter tido essa oportunidade. Em breve serão três décadas de possibilidades de melhorar como ser humano, e isso não tem preço.



PROJETO:  
AMIGOS DO BEM

\* LOCAL:  
SÃO PAULO

\* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1993



FUNDADORA E RESPONSÁVEL: ALCIONE DE ALBANESI



[www.amigosdobem.org](http://www.amigosdobem.org)



@amigosdobem



@amigosdobem



(11) 3019-0100



[informacoes@amigosdobem.org](mailto:informacoes@amigosdobem.org)

Nossa história começou em 1993. Era fim de ano, e um grupo de amigos e eu queríamos fazer um Natal diferente. Sabíamos que as pessoas passavam muita necessidade no Nordeste, mas parecia muito distante do nosso universo em São Paulo, onde eu era executiva e administrava uma empresa de lâmpadas. Decidimos empreender uma jornada, ver de perto algo que, hoje sabemos, ninguém deveria ignorar.

Fomos em um grupo de vinte e, no fundo, estávamos apenas pensando em nós mesmos. Mandamos 1.500 cestas básicas por caminhão e viajamos de avião. Entregamos em vários povoados. Mas, depois dessa experiência, não era mais possível levar a vida de antes. Voltamos extremamente mexidos, angustiados. Decidimos então nos organizar melhor e fazer essa entrega todos os anos.

Assim foi até o décimo ano. No último dia das entregas de 2003, estávamos em um povoado chamado São Francisco, no Sergipe. Uma senhora veio em nossa direção. Ela tinha elefantíase [filariose linfática] e havia percorrido seis quilômetros a pé para nos encontrar, com as pernas sangrando! Nos comovemos e fomos levá-la para casa. No percurso, ela foi me falando da família dela e de como fazia para o feijão render. Ela mesma quase não comia. Quando nos aproximamos da casa, vieram várias crianças, umas oito, perguntando: “Mãinha, você trouxe comida?” As crianças pulavam de alegria.

De volta a São Paulo, fiquei dias sem dormir. Pensei: “Estamos há dez anos fazendo esse trabalho de Papai Noel, mas podemos fazer mais”. Porque deixávamos uma marca de amor e esperança, mas não tínhamos transformado aquela realidade. Todo ano, enviávamos cerca de cem caminhões, passando por locais de difícil acesso, então já sabíamos onde a miséria era crítica. Cadastramos os povoados, as famílias, depois compramos terrenos e começamos a construir nossa base de transformação. Veio então a primeira Cidade do Bem, em Catimbal, Pernambuco.

Os lugares que tínhamos escolhido para nossas obras eram abandonadíssimos; a maioria dos moradores nunca tinha tido contato com pessoas de fora. Começamos do zero, com o ingrediente fundamental, que é o amor, e com a boa vontade de muitos. A cada viagem, mais amigos de São Paulo se envolviam e começavam a nos ajudar. Depois da primeira Cidade do Bem, construímos a segunda, a terceira, a quarta.

Nessas Cidades, a gente começa com a estrutura de moradia, construindo casas de alvenaria. Depois levamos educação e atendimento médico e odontológico, e então geramos trabalho. Muitas pessoas me falam: “Mas vocês não têm que ensinar a pescar?” Temos, mas em rio seco não se pesca. Primeiro você tem que dar a condição para que as pessoas pesquem. Quando você consegue ensiná-los a pescar num rio que tem água, vem a grande transformação.

Hoje, aquela criança que saía correndo para o mato se tornou um jovem e está indo para a faculdade. Ela será o médico, o professor que dará continuidade ao nosso projeto. Todos que trabalham conosco são voluntários, multiplicadores do bem. Nos nossos centros de transformação, os monitores são as próprias crianças que saíram da miséria absoluta. Hoje atendemos a mais de 75 mil pessoas nos estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco.

A cada viagem saio achando que vou levar alguma coisa para eles, e me transformo. Agradeço a Deus pelo que aprendo. Primeiro, aprendi a solidariedade, porque eles dividem tudo. Se tem feijão em uma casa, todo o povoado come.

---

APRENDI TAMBÉM QUE NOSSA FELICIDADE NÃO É PLENA SE NÃO OLHARMOS PARA O LADO. DESIGUALDADE SEMPRE EXISTIRÁ, MAS NÃO PODEMOS ACEITAR A FOME, PORQUE O HOMEM QUE TEM FOME NÃO É LIVRE, E NÓS QUEREMOS UM MUNDO DE PESSOAS LIVRES.

---

Há mais de cinco anos, passo dez dias, todos os meses, no sertão nordestino. Não deixei de trabalhar, mas preservo meu olhar humano. Vou deixar para os meus filhos uma herança de amor, de transformação, de ajuda ao próximo. Hoje o Amigos do Bem é a minha vida. Nosso lema diz: “Se não posso fazer tudo que devo, devo ao menos fazer tudo que posso”. Eu quero fazer tudo o que devo e tudo o que posso.




PROJETO:  
ESCOLA DE VALORES  
(GALERA DE DEUS)



- \* LOCAL:  
LONDRINA (PR)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2009

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: MARCELO E MARIA LUISA CASANOVA

 (43) 98824-7689

Começamos meio por acaso. Tínhamos vontade de fazer alguma coisa, mas não sabíamos o quê nem como. Até que conheci minha esposa e percebi no coração dela uma sede muito grande de fazer o bem, e isso encontrou eco em algo que existia no meu coração. Depois que nos casamos, tomamos juntos uma decisão bem difícil: eu não trabalharia mais remuneradamente e passaríamos a fazer algo que alimentasse nossos corações. Trabalho voluntário.

Sem saber muito bem o que fazer nem por onde começar, resolvi a ir aos mercados em dias de promoção de verduras e frutas e comprar alimentos para algumas famílias: uma senhora viúva, um pessoal que estava precisando de comida. Comecei a fazer isso pontualmente durante a semana, e um belo dia o gerente do mercado me abordou. Perguntou por que eu comprava tanta verdura, se eu tinha restaurante, coisas assim. Eu bem que estava querendo organizar um almoço numa comunidade, e já tinha até perguntado se ele podia me ajudar. Quando ele me questionou, vi uma oportunidade. Falei: “Não, não tenho restaurante, eu distribuo essas verduras para algumas famílias carentes”.

Então ele fez uma proposta: de pegar todos os hortifrúttis que não fossem vendidos, mas que ainda pudessem ser consumidos normalmente, e doar para mim. Aceitei, claro, e então veio a grande surpresa! Eu achei que fosse pegar 20, 30, 40 quilos de alimentos... Mas começamos a pegar 300, 400 quilos diariamente. Então começou a acontecer! Aquilo que era pontual, pequeno, de repente explodiu, e eu me via todos os dias em alguma comunidade, com a minha caminhonete cheia de verduras.

Com isso fui me relacionando com famílias, com crianças, e aquilo tudo foi mexendo com a gente, com o nosso objetivo de fazer mais. Um dia, passando pela rua, vi um espaço abandonado e fiquei imaginando as crianças ali dentro, as que eu via na rua enquanto entregava as verduras. Pensei nelas ali, correndo, um gramado, uma bola, uma pipa, e foi assim que a escola se tornou o que é hoje.

Atendemos 90 crianças entre 5 e 12 anos. Minha esposa, que é doutora em Psicologia e professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL), idealizou parte do trabalho como



um projeto de extensão da UEL. Isso garantiu desde transporte gratuito para as crianças da escola até o próprio projeto e a presença de estagiários de Psicologia e Pedagogia.

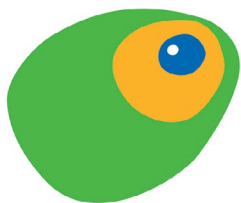
Promovemos ações conforme a necessidade, como a distribuição de alimentos, arrecadação de material escolar, atividades de lazer, entre outras. Mas nossos três pilares têm sido o trabalho de saúde bucal, em parceria com um projeto de extensão da Faculdade de Odontologia da UEL, a alfabetização e o trabalho de valores, com aulas de reforço escolar focadas nas habilidades de leitura e escrita.

Todas as mudanças que o projeto conseguiu realizar na vida dessas crianças em situação de vulnerabilidade social em Londrina deu credibilidade e confiança para as pessoas da sociedade, que se prontificaram a ajudar por meio de doações e voluntariado. Nós vivemos de doações.

---

QUANDO A GENTE DÁ ALGO PARA UMA CRIANÇA E PERCEBE QUE ISSO  
TRANSFORMA A VIDA DELA, ENTÃO A GENTE COMEÇA A MUDAR O MUNDO.

---








acaia  
pantanal

PROJETO:  
ACAIA PANTANAL,  
NÚCLEO DO INSTITUTO ACAIA



- \* LOCAL:  
SEDE EM SP, VILA LEOPOLDINA
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2008

FUNDADORAS: TERESA CRISTINA RALSTON BRACHER E MARIA CECÍLIA LACERDA DE CAMARGO

-  [www.acaia.org.br](http://www.acaia.org.br)
-  @pantanal.acaia
-  @acaipantanal
-  (67) 3231-0320
-  [acaipantanal@acaia.org.br](mailto:acaipantanal@acaia.org.br)

“Se você tivesse comprado uma fazenda aqui e quisesse contribuir para a preservação do meio ambiente, o que você faria?” Essa era a pergunta que repeti mais de uma centena de vezes a membros de ongs, do governo, da igreja, a fazendeiros. Bastava a pessoa aparecer na minha frente e eu já ia perguntando. E todo mundo respondia, talvez porque fosse claro o quanto eu desejava uma resposta.

E o fato é que eu tinha mesmo comprado uma fazenda no Pantanal, na fronteira com a Bolívia, em Paraguai Mirim, com o objetivo de iniciar um projeto de conservação ambiental – um sonho antigo que jamais abandonei. O ano era 2005. As pessoas iam dando sugestões e no fim chegamos à conclusão – Isabel Villalobos, que eu tinha contratado para me acompanhar nessa jornada, e eu – que a maior necessidade era uma escola. Conversamos com a prefeitura e recebi o apoio da Fundação Avina, uma entidade suíça muito bacana, para começar o projeto junto com um casal de amigos, a Ciça e o Henrique. Aí fundamos o Acaia Pantanal, ligado ao Instituto Acaia, que já existia em São Paulo e trabalha para combater a desigualdade.

A população ribeirinha na frente da fazenda, na outra margem do rio, vivia em situação muito precária. São cerca de 70 famílias, mas estão longe da cidade e o Estado não consegue chegar até lá. É muito caro levar os serviços básicos de educação e saúde. Quando você tem essa sensibilidade, não consegue ver uma situação assim e não fazer nada.

Fui pensando em atacar a questão ambiental e acabei fundando uma escola.

O resultado é impressionante, porque estamos fazendo uma escola de muita qualidade para crianças até então sem perspectiva. Oferecemos educação do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, em parceria com a prefeitura. Pertencemos à rede pública e esse é um ponto importante, porque potencializa a nossa ação. Entramos com uma série de vantagens para o professor e o funcionário, seja salarial, seja de formação, pois eles não querem morar lá; preferem viver em Corumbá. Geralmente o professor fica em Paraguai Mirim por dois anos, pois não aguenta a distância da família. Então, uma das nossas missões é formar profissionais. Porque estamos sempre recomeçando e devolvendo para a sociedade professores melhores do que recebemos.

Quando a criança termina o sexto ano, encaminhamos para a Fundação Bradesco em Bodoquena. Até hoje, todos os nossos alu-

nos passaram no teste. E nós damos o apoio, porque essas crianças não seriam elegíveis a estudar na Fundação devido à distância. Então a gente leva os pais para as reuniões, traz de volta, vai buscar no feriado. Temos quase 60 crianças na nossa escola, a Jatobazinho, e mais 20 na Fundação.

Nossa principal dificuldade no início foi conquistar a confiança da população, pois funcionamos em regime de internato; como a criança fica conosco de segunda a sábado, havia medo, e surgiu todo tipo de boato. Mas foi uma construção conjunta, nossa com a população. E hoje as famílias reconhecem a importância e veem que os filhos podem viver de algo além da isca – a pesca é a principal fonte de renda local.

---

SOU MUITO OTIMISTA. NAS MINHAS VIAGENS PELO BRASIL VEJO QUANTA GENTE BACANA ESTÁ FAZENDO COISAS. É MUITO IMPORTANTE SAIR DESSA IMOBILIDADE DE ACHAR QUE NADA DÁ CERTO, QUE SÓ TEM COISA RUIM.

---

No ranking mundial, o Brasil é um dos países que menos doa: precisamos de mais investidores sociais. Se eu fosse olhar para as dificuldades que passei, já teria fechado a escola. Mas acho que temos que nos concentrar no resultado. Fizemos uma escola em um lugar de difícil acesso, sem rede elétrica, sem estrada. Mandar suprimentos, combustível e comida ainda hoje é uma operação de guerra.

Minha grande satisfação é ver as crianças crescendo e se desenvolvendo. Elas são inteligentes, têm vontade de aprender e hoje podem sonhar com o que quiserem.




## PROJETO: PÃO DA ALMA




- \* LOCAL:  
DIVINÓPOLIS (MG)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1992


FUNDADORES E RESPONSÁVEIS: SILVÂNIA E OTACÍLIO SILVEIRA

 [www.projetopaodaalma.blogspot.com](http://www.projetopaodaalma.blogspot.com)

 @paodaalma

 @projetopaodaalma

 (37) 99816-5107

 paodaalma@hotmail.com

Tudo começou quando eu e meu marido ficamos sabendo da venda de um terreno aqui no bairro e decidimos comprá-lo. Logo descobrimos uma família morando embaixo de um toldo de lona, na área verde, a alguns metros dali. Então vimos uma mãe dando banho em dois bebezinhos, ao lado daquele barraquinho de lona.

Foi uma cena muito tocante para mim porque vi que ela estava fazendo com as filhinhas dela o mesmo que eu fazia com as minhas. Eu arrumava as crianças, dava banho para sair, para passear, e ela estava fazendo chuquinha no cabelo, da mesma forma que eu fazia. Porém, todo aquele cuidado era para ficar ali embaixo daquela lona, no meio daquele mato. Senti um carinho muito grande por aquela mãe, uma vontade de fazer alguma coisa que pudesse melhorar a vida dela, que pudesse tirar a ela e àquelas crianças daquela situação.

Fui me aproximando dela, e o meu marido também foi se aproximando do marido dela. Nossa primeira iniciativa foi arrumar um trabalho para eles. Chegamos a tirá-los ali daquele lugar e arrumamos um sítio para eles tomarem conta. A gente pensava que era só essa família, que ia resolver somente aquele problema e que estava tudo certo. Mas acontece que outras famílias estavam vindo de Betim e foram acampando ali, naquele mesmo local, em situação de risco, com filhos em condições piores, porque tinha até criança com problema mental.

Vimos que a situação era muito mais grave do que a gente estava pensando. Não tínhamos como deixar pra lá. Porque era muita dificuldade, sabe? O bairro estava começando, não tinha nenhuma infraestrutura ainda; não tinha muito o que fazer. Iniciamos uma campanha com os amigos, eu no meu trabalho, meu marido, que é ferroviário, no trabalho dele. E a gente voltava trazendo recursos: remédios, roupas, alimentos, calçados.

À medida que o bairro foi crescendo, mais gente foi descobrindo que tinha alguém auxiliando, aí mais e mais pessoas necessitadas começaram a chegar. E a gente não teve como parar.

Antes que o mal da miséria criasse raízes, quis mostrar aos pais o potencial dos filhos, que eles próprios desconheciam, e mostrar às crianças que elas poderiam ter, no futuro, uma vida diferente da de seus pais se usassem as mãos para trabalhar ao invés de mendigar.

Fundamos então o Projeto Pão da Alma, distribuindo cestas básicas para as famílias que fossem assistir a uma palestra mensal e receber orientações. Envolvermos as crianças em arte, cultura, esporte e evangelização, e aos poucos fomos tirando os meninos das ruas.

Hoje oferecemos oficinas, que as crianças frequentam no período em que não estão na escola; permanecem aqui para não ficar na rua. São oficinas de artesanato, aulas de reforço escolar, computação. Tem dança, tem o parquinho, a recreação, o futebol, uma biblioteca – incentivamos muito a leitura. Temos também uma oficina de costura para as mães. Hoje atendemos mais de 100 famílias.

---

UM BOM EXEMPLO PARA MIM É SABER ACOLHER. SERVIR O PRÓXIMO COM AMOR,  
DESPRENDIMENTO E PERSEVERANÇA, SEMPRE.

---






,00  
arredondar

PROJETO:  
INSTITUTO ARREDONDAR



- \* LOCAL:  
SÃO PAULO
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2011

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: ARI WEINFELD

-  [www.arredondar.org.br](http://www.arredondar.org.br)
-  @arredondar
-  @arredondar
-  (11) 3019-0100
-  [quero@arredondar.org.br](mailto:quero@arredondar.org.br)



Na minha carreira como empresário, sempre tive muita simpatia pelo Terceiro Setor. Fazia doações, ia a jantares e bingos, mas via sempre as mesmas pessoas doando para os mesmos projetos. Isso me incomodava muito, só que não fazia nada para mudar. Até o dia em que uma amiga, Teresa, que fundou a Acaia Pantanal (veja à pág. 60), me deu o livro *Financing Future: Innovative funding models at work*, de Maritta Koch Weser, uma alemã que dirigiu durante 20 anos a área do Banco Mundial voltada ao Terceiro Setor. Ela escreveu justamente sobre outras maneiras de arrecadar dinheiro para a filantropia.

Achei o livro tão incrível que entrei em contato com Maritta e passei 15 dias na Holanda e na Alemanha vendo as experiências que havia por lá. Tem coisas bárbaras, brincadeiras com jovens, microdoações. Foi lá que descobri o arredondamento dos centavos nos meios de pagamento, o que achei muito interessante para o Brasil, onde não temos a cultura de guardar moedas.

Em 2010, vendi minha empresa, a Matec Industrial, da qual fui cofundador. Com o que aprendi no livro e a vivência na Europa, uni meu sonho de me dedicar ao Terceiro Setor com meu interesse pelo varejo, pois vi que havia a possibilidade de se fazer algo totalmente democrático, com cada um doando um pouquinho, por meio do arredondamento dos centavos para cima.

Minha maior preocupação era a questão dos impostos. Chegando ao Brasil, contratei a Nina Valentini, que hoje é nossa presidente, e buscamos dois grandes escritórios de advocacia, Barbosa Müssnich Aragão e Mattos Filho, para desenhar um modelo que pudéssemos apresentar às secretarias da Fazenda dos estados. Eles conseguiram criar uma operação muito simples. Vamos supor que você fez uma compra de R\$ 127,30 e arredondou para R\$ 128,00. Saem dois recibos: um da compra, da mercadoria mesmo, com os impostos recolhidos, e outro, não fiscal, da doação de 70 centavos para o Instituto Arredondar. Assim, ficamos isentos dos impostos de uma maneira muito fácil.

Eu conhecia o empresário brasileiro o suficiente para saber que, se o varejista tivesse que investir ou se a fila do caixa parasse por um minuto, ele não iria aderir ao projeto. Então passamos três anos elaborando um manual para que essa iniciativa realmente não custasse nada para o dono da loja, com pareceres da Secretaria da Fazenda, do Confaz, dos advogados, tudo mastigadinho, para o contador do varejista analisar e saber lançar na contabilidade. Constatamos também várias software houses, e a Linx logo abraçou o

projeto, possibilitando que todos tivessem o sistema on-line. Depois vieram outras empresas.

O desafio seguinte era o treinamento dos funcionários das lojas, porque a rotatividade no setor costuma ser de 80%. Aí colocamos no Facebook um pedido de treinamento de varejo. Apareceram várias empresas querendo doar esse serviço, inclusive a Maxi, uma das maiores. Construímos juntos um jogo de tabuleiro, como um Banco Imobiliário, com todas as perguntas, respostas e pegadinhas do Arredondar. Em 20 minutos é possível aprender tudo. Assim, um ano depois, estávamos trabalhando com 25 redes e mais de 250 lojas.

Até 2019 já tínhamos contabilizado mais de 22 milhões de doações, totalizando quase 5 milhões de reais. Também ajudamos a desenvolver a cultura da doação no Brasil. Há muita gente envolvida, fazendo um trabalho pro bono, como a auditoria da PwC, as empresas de software, a gráfica, os advogados.

Para selecionar as organizações que seriam beneficiadas, abrimos um edital e 350 ONGs se inscreveram. Montamos um comitê de pessoas importantes do Terceiro Setor e pedimos que selecionassem 30. Então, relacionamos as organizações com os 8 Objetivos do Milênio da ONU, estabelecidos no ano 2000. Além disso, elas teriam que ser idôneas, laicas, contratar seus funcionários em regime de CLT, ter outros investidores e mais de três anos de existência; também teriam que preencher um questionário muito legal que nós elaboramos sobre o passado, o presente e o futuro. Isso rendeu ótimos feedbacks das ONGs, que tiveram que parar e refletir sobre seus rumos.

O trabalho é muito grande e não faltam obstáculos, porque no Brasil temos o mau costume de falar muito de coisas ruins e não dar visibilidade às coisas boas, importantes, que as ONGs fazem. O brasileiro quer doar, mas não sabe como, então o Arredondar é uma maneira muito fácil, muito segura de fazer isso.

Esse negócio de trabalho voluntário é complicado. Os poucos amigos que ainda tenho já nem atendem o telefone quando veem que sou eu. Não posso nem convidar para ir ao cinema porque a maioria logo pensa: “Ih, vai pedir dinheiro”. Esses poucos ainda me perguntam: “Mas quando você vai voltar a trabalhar?” Bem, estou trabalhando, respondo. Poder me dedicar a isso sem remuneração, de coração e alma, é um grande privilégio.








## PROJETO: SAÚDE E ALEGRIA



- \* LOCAL:  
SANTARÉM (PA)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1987

FUNDADORES E RESPONSÁVEIS: EUGÊNIO SCANAVINO NETTO

-  [www.saudeealegria.org.br](http://www.saudeealegria.org.br)
-  @saudeealegria
-  @saudeealegria
-  (93) 3067-8000
-  [psa@saudeealegria.org.br](mailto:psa@saudeealegria.org.br)

Acho que no fundo esse projeto nunca começou; sempre esteve em mim. Viajei o Brasil inteiro procurando um lugar pra morar quando me formasse, alguma vila, “Ah, é no Nordeste que eu vou morar”, “É no Centro-oeste”. Quando cheguei na Amazônia, falei: “Opa, é aqui”.

Comecei a cursar medicina já pensando na Amazônia e fiz residência em infectologia – tinha aqui um campus avançado da universidade. Vim para cá depois da residência e comecei a trabalhar. Eu me sentia muito frustrado no hospital, porque lá a gente faz doença, não faz saúde; no hospital você é um amor-tecedor social. A pessoa chega com sintoma, você está pressionado por um monte de pacientes e quer despachar aquele; você não resolve nada, você não faz boa medicina. Eu queria atender bem o paciente, olhar, conversar, fazer saúde.

Mesmo assim, eu não conseguia sair. Até que um dia o prefeito ligou para o diretor do hospital e falou: “Estou precisando de um médico para atender no interior, vocês têm algum que se animasse com isso”? E o diretor respondeu: “Ah, tem um cara aqui que acho que vai querer”.

Na residência em infectologia havia um cara muito bom, o Valter Tavares, chefe do setor. Quando entrei, ele me perguntou por que eu queria fazer infectologia. Vi que ele estava de botina e falei: “Por uma questão de botina”. Eu queria ser infectologista para usar botina pelo Brasil afora. E fui. Era o único médico atendendo a 800 comunidades, muitas nunca tinham visto um médico. Lá não tinha nenhuma doença gravíssima ou diferente, só problemas de falta de saneamento, coisa muito simples.

Como não dava pra ficar explicando os cuidados com higiene para cada um, eu dividia todo mundo em grupos: quem estava com diarreia, pra lá; quem estava com gripe, pra cá. Aí eu dava uma palestra para cada grupo, depois atendia individualmente para fazer a triagem. Todo mundo só queria a consulta para pegar remédio, mas eu falava: “Vou perguntar lá dentro sobre isso que estou falando. Quem não souber responder não ganha remédio”.

Começamos a abordar a questão do tratamento da água, do uso do cloro, a fazer brincadeira para as pessoas prestarem

atenção, e assim foi nascendo o Saúde e Alegria. Vieram os monitores, o treinamento das comunidades, as medidas caseiras de saúde, o circo, foi tudo nascendo aí.

Eu estava treinando os agentes de saúde, que eram jovens e superanimados. Só de pôr em prática os cuidados da higiene já víamos muito resultado: começou a diminuir diarreia, as comunidades que tratavam a água perceberam melhoria. Aos poucos, as próprias pessoas começaram a entender que elas mesmas podiam fazer alguma coisa.

Procurei trabalhar sempre a ideia de que a saúde é um desafio coletivo: depende muito da atitude de todo mundo. Se você não usa água tratada, pega diarreia. Se não usa sanitário, contamina a água do rio e vai passar diarreia lá para a frente. Se você não usa camisinha, passa Aids para o outro. Então, claro que tudo depende das atitudes individuais, familiares e coletivas.

---

EU ACHO QUE TODO MUNDO TEM UM SONHO DENTRO DE SI. TODO MUNDO TEM UM IMPULSO DE SE IMPORTAR COM O PRÓXIMO. E EU ACHO QUE TODO MUNDO TEM UM POTENCIAL CRIATIVO E TRANSFORMADOR ENORME. É SÓ ACREDITAR NISSO, É SÓ VOCÊ ACREDITAR EM VOCÊ MESMO. E COMEÇAR A TRANSFORMAR.

---



CASA LAR  
**Luz do Caminho**

PROJETO:  
CASA LAR LUZ DO CAMINHO



- \* LOCAL:  
FLORIANÓPOLIS (SC)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2009

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: MAURÍCIO AURÉLIO DOS SANTOS



[www.casalarluzdocaminho.org](http://www.casalarluzdocaminho.org)



@casalarluzdocaminho



@casalarluzdocaminho



(48) 98805-1644 | (48) 3206-9519



[casalarluzdocaminho@gmail.com](mailto:casalarluzdocaminho@gmail.com)

Eu me lembro como se fosse hoje de uma manhã em que minha filha, Marcella, com 9 anos na época, viu na televisão uma propaganda do Conselho da Criança e do Adolescente abordando a problemática dos menores que viviam em situação de rua. Marcella ficou muito sensibilizada e pediu que acolhêssemos essas crianças em casa. Expliquei que em nossa casa não caberiam tantas, que precisavam ir para um lugar especializado em cuidar delas. Mas minha filha insistiu, sugerindo que comprássemos um espaço nas proximidades; disse que ela própria ajudaria a cuidar das crianças.

Por incrível que pareça, senti realmente vontade de fazer isso, mesmo não enxergando a mínima possibilidade de viabilizar esse desejo. Por coincidência, tínhamos uma vizinha que havia perdido o marido fazia pouco tempo e estava de mudança. Então respondi que, se a casa dela estivesse à venda e eu tivesse dinheiro suficiente, compraria o imóvel para cuidar de crianças.

A velocidade com que os fatos se sucederam me assusta até hoje: passados dois ou três dias da fala da Marcella, a vizinha me encontrou e me perguntou se eu gostaria de comprar sua casa, pois iria vendê-la. Surpreso pela oferta, sentindo nela a própria mentalização da Marcella, num impulso respondi que sim, que gostaria de efetuar a compra, porém não dispunha do dinheiro necessário. A vizinha sugeriu que eu fizesse um financiamento. Foi assim que, menos de 20 dias após o pedido da minha filha, em 17 de novembro de 2009 a casa já estava escriturada em meu nome.

Logo no comecinho de 2010, um pequeno grupo de pessoas sensíveis ao projeto que se delineava começou a realizar reuniões em busca do suporte necessário para levar avante um desafio que nos parecia muito grande. Os preparativos para a criação da Casa Lar Luz do Caminho, uma organização da sociedade civil que tem como missão o acolhimento, foram de imediato iniciados e se desenvolveram aceleradamente.

Tivemos contribuições de associados e colaboradores, pessoas físicas e jurídicas, além da renda obtida com eventos, brechós e venda de camisetas. Também recebemos fraldas, leite, produtos de limpeza e alimentos. Contamos ainda com contribuições oriundas de renúncia fiscal. De janeiro de 2010 a junho de 2011, dia da inauguração das instalações físicas, foram 18 meses de muito trabalho e envolvimento de mais de 100 pessoas, entre voluntários e associados.

No dia 30 de junho estava tudo pronto. No começo, tínhamos 14 associados; naquela data já eram 62.

Hoje a Casa Lar conta com a ajuda de mais de 300 pessoas, entre voluntários e associados. Recebemos crianças encaminhadas pela Vara da Infância e Juventude ou pelo Conselho Tutelar. A demanda depende da determinação judicial para o acolhimento e pode chegar a 140 atendimentos anuais. Uma criança acolhida na Casa Lar custa por mês cerca de 5 mil reais com alimentação, roupas, despesas de manutenção (energia elétrica, fornecimento de água, telefone) e de pessoal, além dos custos com os projetos desenvolvidos para os pequenos: Peixinho Feliz, que oferece aulas de natação, Alimento com Carinho, Minha Infância Fotografada, Passear é Alegria, Hora da Leitura, Minha Festinha de Aniversário e A Hora de Brincar.

Em 2015 a Casa Lar adquiriu a propriedade ao lado das atuais instalações, por intermédio do Projeto Ampliação dos Espaços Físicos, com doações de 20 benfeitores. E assim vamos crescendo e continuando nossa missão.

---

QUALQUER PESSOA QUE VISITE HOJE A NOSSA CASA VERÁ O MAIS IMPORTANTE: QUE AQUI, INDEPENDENTEMENTE DAS CONDIÇÕES EM QUE CHEGARAM, NOSSAS CRIANÇAS SÃO FELIZES.

---





Ouvi o apelo de minha filha e no final vi que uma força maior nos moveu. Para mim, não tem melhor exemplo do que a gente ser inteiro, simples, natural.





- \* LOCAL:  
BRASIL
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1998

FUNDADORES E RESPONSÁVEIS: LUIZ EDUARDO SALVATORE

-  [www.brasilsolidario.com.br](http://www.brasilsolidario.com.br)
-  @institutobrasilsolidario
-  @brasilsolidario
-  (11) 99104-9063

Eu tinha um sonho: queria conhecer o Brasil. Esse sonho vinha desde a época do colegial. Engraçado como as coisas vão acontecendo... No meio do curso de Direito, descobri que tinha diabetes, e isso acendeu em mim o desejo de realizar aqueles sonhos que tinham ficado para trás. Em 1998, decidi que era o momento de viajar pelo meu país.

Mais do que viajar, eu queria ter acesso a histórias, a riquezas, não só as naturais (também sou fotógrafo), mas às histórias ricas e pessoais de brasileiros comuns. Queria conhecê-los em seu contexto cultural, conviver com esses personagens ocultos de nossa realidade e trabalhar a história oral do Brasil. No ano de 2000, me lancei em uma expedição com minha irmã e com outras pessoas que se juntaram a nós. Literalmente, nos jogamos em um Brasil desconhecido pela maioria dos brasileiros. Um Brasil muito bonito.

Quando realizamos a expedição pelo país e passamos um ano convivendo com esses personagens, também tivemos acesso a um lado que não tinha nada de bonito. Os problemas das escolas nos tocaram particularmente: faltava infraestrutura, saneamento básico, até questões políticas atrapalhavam. Viajamos em um ano de eleição e vimos coisas muito complexas em nosso país!

Foi quando percebemos que pela educação era necessário fazer um trabalho diferenciado. Um trabalho que desse àqueles brasileiros oportunidades de realizar seus projetos de vida, agindo localmente. Queríamos mostrar o verdadeiro valor do brasileiro nas comunidades que havíamos pesquisados antes da pôr o pé na estrada. O material fotográfico da expedição seria de grande valia para viabilizar ações de educação, melhorias de condição ambiental, acesso a saúde.... Isso foi acontecendo gradativamente a partir de 2001, quando teoricamente surgiu nosso primeiro projeto social.

Começou como incentivo à leitura. Levamos bibliotecas e material escolar que havíamos coletado durante a expedição para comunidades no interior do Brasil.

Depois de quase 20 anos de atuação, pudemos sistematizar o trabalho do IBS desta maneira: temos uma tecnologia educacional. E ela se baseia principalmente na formação de professo-

res, com uma rede de profissionais capazes de fazer a transformação e multiplicar as experiências para outras escolas municipais, estaduais e territoriais, oferecendo atividades práticas e complementares. Escolhemos trabalhar o ser humano por temas transversais: incentivo à leitura, novas tecnologias, prevenção à saúde, educação ambiental, artes e cultura e geração de renda.

Mas também abraçamos a política pública. Por meio dela você consegue fazer escolas-modelo, que estão recebendo capacitação e educação complementar. O projeto acontece ao longo de 30 meses. Parece muito, mas não é: estamos transformando a vida dessas comunidades e inspirando experiências. Posso afirmar com segurança: nós temos respostas para os problemas educacionais no Brasil, e essas respostas podem ser multiplicadas.

Já atuamos em mais de 500 escolas, impactando mais de 4 milhões de brasileiros, considerando público direto e indireto. Isso porque, quando você monta uma biblioteca (e nós já montamos mais de 100 em todo país), atrai muitos leitores!

---

A INSPIRAÇÃO VEIO DE DENTRO! UMA SENSÇÃO DE CUMPRIR O MEU PAPEL DE CIDADÃO. SE CADA UM FIZER UM POUQUINHO DO SEU PAPEL DE CIDADÃO, COM ÉTICA, COM VALORES, COM A FAMÍLIA, COM A EDUCAÇÃO... SÓ ISSO JÁ É SUFICIENTE PARA O EXEMPLO QUE A GENTE QUER DAR!

---








PROJETO:  
ASSOCIAÇÃO PROJETO SURFAR

- \* LOCAL:  
PORTO ALEGRE (RS)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2001



FUNDADORES E RESPONSÁVEIS: GICELE DE AZEVEDO MELO E GUSTAVO ROCHA

-  [www.projetosurf.org](http://www.projetosurf.org)
-  @projetosurf
-  @projetosurf
-  (51) 3384-9728
-  [gustavorochasurf@hotmail.com](mailto:gustavorochasurf@hotmail.com)

Meu esposo e eu éramos empresários e tínhamos uma surf shop. Em um ano, fomos assaltados quatro vezes. No quarto assalto, dois menores, duas crianças de no máximo 14 anos, armadas, não hesitaram em atirar no meu marido quando ele reagiu a uma tentativa de abuso contra a minha filha. Logo depois, arrombaram a loja e levaram todo o nosso estoque. Como era setembro, já estávamos preparados para o Natal. Foi uma mudança muito drástica de padrão de vida, porque, da noite para o dia, perdemos tudo. Perdemos o chão.

Como levaram também nossas contas com dados pessoais e a chave da nossa casa, resolvemos mudar para uma casa que tinha sido dos meus sogros e estava desocupada, no bairro do Partenon. O índice de violência no novo bairro era bem maior, mas não tínhamos condições de pagar aluguel.

Quando cheguei, queria entender o que tinha acontecido; nunca consegui digerir. O que aqueles dois adolescentes queriam, realmente?

Já vínhamos fazendo um trabalho social na loja, ensinando adolescentes a fabricar pranchas de surfe. Mas eram meninos com escolaridade e uma boa estrutura familiar. Então, decidimos estender a iniciativa a adolescentes de 16, 17 anos dessa comunidade. Para nossa surpresa, dentre os que se apresentaram, poucos tinham ensino fundamental e muitos nem eram alfabetizados. Outra realidade.

Vieram as meninas também, e entramos em contato com a realidade dessas adolescentes de 12, 13 anos, engravidando. Meninos e meninas cuidando dos irmãos menores, que tinham que acompanhá-los nas aulas. Criamos então um braço de educação infantil, para atender os pequenininhos que vinham, em parceria com as escolas da região.

Em 2006, nosso trabalho estava praticamente consolidado; já estávamos constituídos juridicamente e atendíamos em uma casinha de madeira muito velha. No inverno, nossa casinha veio abaixo e perdemos tudo, mais uma vez. Estávamos na época com 80 crianças.

Poucos meses depois, passeando no parque Harmonia durante um evento muito importante para os gaúchos, a Semana Farroupilha, surgiu a ideia de pedir um piquete, que são os galpões aqui da região. Para nossa surpresa, passei em 430 galpões e nenhum doou o madeirame que esperávamos. No último, o rapaz disse: “Olha, moça, a única coisa que fica são os tijolos, se quiser pode levar”. Opa! Aí surgiu uma luz, e voltamos a todos os outros piquetes para pedir

a doação de tijolos. No primeiro ano arrecadamos 4.500 tijolos e fizemos um mutirão. Os patrões dos piquetes viram nosso esforço com o pessoal da comunidade e se mobilizaram, doando material de construção. Hoje brincamos que nosso salão de atividades é uma churrasqueira gigante, porque foi construída com os tijolos de todas as churrasqueiras do parque Harmonia.

Antes eu era muito preocupada com contas, neurótica, mesmo. Quando comecei a fazer esse trabalho social, não deixei de cumprir minhas obrigações, mas parei de levar tudo tão a sério, porque vi que nossos problemas são coisa pouca perto da realidade das nossas crianças. Isso me fortalece para poder ajudá-las e valorizar o que realmente importa.

A Associação Projeto Surfar modificou a realidade de muitas famílias da região. Ainda temos casas sem luz nem água encanada; então, estamos sempre procurando ajudar a comunidade. A gente vai ao Conselho Tutelar, ao Ministério Público, orienta, busca os direitos deles. Mostramos para a própria comunidade a potência, a força que ela tem. O trabalho na Associação é todo feito por voluntários, uma rede de amigos. Não temos convênio com a Prefeitura, porque isso limitaria o número de crianças a serem atendidas e não queremos abrir mão de ninguém.

Hoje não me imagino fora da Associação, longe das crianças, do meu trabalho. Já adotei quatro crianças e meus dois filhos trabalham no projeto; Gabriel é voluntário na oficina de capoeira e a Kayany cuida das contas da instituição.

---

TODO DIA TEM UM NOVO DESAFIO. MEU SONHO É TER UM ESPAÇO PARA ACOLHER ESSAS CRIANÇAS TODAS. POR MIM, NÃO HAVERIA NENHUMA CRIANÇA EM ABRIGOS OU NA RUA.

---



PROJETO:  
GOTAS DE FLOR COM AMOR



- \* LOCAL:  
SÃO PAULO (SP)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1991

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: DENISE ALVES LOPES ROUBLES

-  [www.gotasdeflor.org.br](http://www.gotasdeflor.org.br)
-  @gotasdeflor
-  @gotasdeflorcomamor
-  (11) 5093-0883
-  [gotasdeflor@gotasdeflor.org.br](mailto:gotasdeflor@gotasdeflor.org.br)

Sou psicóloga e terapeuta floral, e na ocasião em que fundamos o projeto eu tinha meu consultório e atendia cerca de dez pacientes por dia, com um resultado muito bonito. Mas sempre ficava pensando: e as pessoas que não podem pagar? Por que só quem tem um poder aquisitivo legal consegue fazer esse tratamento? Aquilo ficava martelando na minha cabeça.

Aí, eu me lembrei de uma amiga que desenvolvia um trabalho social com crianças que vendiam doces no cruzamento de duas avenidas muito importantes de São Paulo, a Brasil e a Nove de Julho. Já tínhamos conversado sobre o que faríamos se um dia ela não pudesse mais ajudar, e isso nos preocupava. Que legado deixaria? Como sociedade, o que estávamos ensinando àqueles meninos? Fui tomada por um senso de urgência. “Tenho que fazer alguma coisa”, foi o que me veio à mente.

Minha primeira providência foi mandar um convite para os pais das crianças que frequentavam o meu consultório. Eu tinha pensando em pedir ajuda a eles para oferecer algum tipo de atendimento a crianças que trabalhavam nas ruas. Para minha surpresa, apareceram 13 pais, que prontamente aderiram ao projeto!

Então comecei a ir para rua. Acabamos montando um consultório sustentável na sarjeta. Virou uma ONG de rua... Logo pude contar com a ajuda de amigos, pacientes, ex-pacientes, voluntários. Todo dia alguém vinha me perguntar se podia participar também, e de repente eu me vi parte de um grupo com a mesma preocupação de construir um mundo melhor, de contribuir para que as pessoas tivessem uma vida melhor! Atendia à noite, sentada em uma escadaria que, na época, eu achava que era de mármore. Passando por ali à luz do dia, percebi que não era... Para mim, era tão mágico aquele momento que devo ter fantasiado a escada.

Trabalhamos com crianças, jovens e suas famílias, todos em situação de vulnerabilidade pessoal e social, moradores de favelas e cortiços. Nossa atuação se dá em especial da região do Brooklin, pela nossa localização. Nosso esforço era canalizado para apresentar às crianças um mundo maior e, com o tempo, tirá-las da rua. Nem sempre conseguimos. No início vinham, mas voltavam para as ruas. O primeiro objetivo era oferecer algo a mais, para que elas pudessem sair.



A gente ia semanalmente para a rua, fazia anamnese, levantava o perfil pessoal e social de cada criança, dos pais. E a partir daí trazíamos para o consultório a história de cada um e preparávamos o floral que atenderia de melhor maneira aquele perfil. Então fomos percebendo que aquilo isso sim ia dar um resultado legal!

Não era a minha intenção abrir uma ONG. Eu nunca tinha pensado nisso. Minha vontade mesmo era fazer uma ação voluntária! Só que o trabalho cresceu, mesmo que não fosse a nossa expectativa. Hoje temos uma sede própria no Brooklin, onde são atendidas 200 crianças moradoras de comunidades e cortiços, e mantemos outra unidade, o abrigo Anália Franco, onde moram 23 crianças vítimas de violência e abuso por parte dos pais. Ao todo são seis unidades. Temos um ônibus-biblioteca, que aos sábados para em frente às comunidades levando a possibilidade de eles viajarem através do livro, da literatura, dos jogos, das brincadeiras. Tudo com doações e voluntariado.

---

É TÃO BOM... PRINCIPALMENTE PODER LEVAR O SONHO PARA AQUELES QUE  
NÃO ACREDITAVAM QUE SONHAR SERIA POSSÍVEL!

---



PROJETO:  
OELA - O CINA ESCOLA DE  
LUTHERIA DA AMAZÔNIA



- \* LOCAL:  
MANAUS (AM)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1998

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: RUBENS GOMES



[www.oela.org.br](http://www.oela.org.br)



@oelabrasil



@oelabrasil



(92) 3017-6761 | (92) 3638-2667



[oela@oela.org.br](mailto:oela@oela.org.br)

Eu morava no Acre, em Rio Branco, num momento em que muitas pessoas criavam movimentos para proteger a floresta. No período do verão, nosso estado queimava, literalmente. O desmatamento era muito grande, as florestas viravam pastos e os habitantes da região eram obrigados a sair.

Sou músico e luthier e, na época, era uma das lideranças do movimento cultural do local. Queria contribuir de alguma forma com os movimentos em favor da floresta, mas, como professor de música, não conseguia imaginar como sobreviveria se me mudasse para a mata. Fiquei na cidade, em Rio Branco, montei uma escola e fui atender a meninada. E falei, porque a certa altura eu tinha muitos alunos, mas ninguém pagava, todo mundo era bolsista.

Foi nesse momento que a gente começou a perceber que não tinha problema só na floresta: a cidade também precisava de socorro. Um dia eu estava tomando uma cerveja com amigas e presenciámos uma abordagem muito violenta da polícia em relação a crianças que estavam na rua. Protestamos, porque a polícia pode e deve agir, é o papel dela, mas não tem que exercer uma truculência dessas. Aquilo me incomodou.

Na época eu tocava na noite e conhecia o juiz que atuava na Vara da Infância e da Adolescência. Fui conversar com ele: “Eu quero fazer alguma coisa”, disse. Aí fui conhecer a realidade dessas crianças e adolescentes. A maioria estava envolvida com drogas; eram usadas pelo tráfico como mulas e nas vendas. Muitas já estavam mergulhadas no crime também, porque faziam a cobrança daqueles que não pagavam. Como era de se esperar, algumas já consumiam droga e, pela falta de recurso, roubavam para alimentar o vício.

A partir daí minha vida mudou total. Estive na Secretaria de Assistência Social do Estado, no Sebrae, visitei a Casa de Passagem. Conversei com a Secretária: “Eu quero contribuir, eu não sei o que fazer, mas acho que tem um erro no sistema, porque fui lá na Casa de Passagem, o diretor é um pastor, antigo delegado. Não tem uma atividade pedagógica, não tem uma atividade socioeducativa, não tem absolutamente nada acontecendo”. Queria mudar aquilo. Queria atuar na Casa de Passagem.

Com um grupo de amigas, tentei criar uma ONG com a ideia de fazer uma abordagem interna com esses adolescentes, uma aproximação dentro da prisão, porque a Casa de Passagem era uma prisão. Pedi autorização para montar meu ateliê pessoal dentro da

Casa. Praticamente passei a morar lá. No início, meu trabalho não tinha nenhum caráter profissionalizante e era de alto risco: utilizo materiais cortantes, então tinha que conquistar a confiança e a amizade dos meninos.

Assim nasceu a OELA, Oficina Escola de Lutheria da Amazônia. O primeiro projeto da OELA foi a lutheria, produção de instrumentos musicais de cordas dedilhadas e caixa de ressonância, com uso de madeiras amazônicas manejadas e certificadas. Depois, passamos para cursos de informática básica e avançada, desenho artístico, inglês, serviços administrativos, contabilidade básica, empreendedorismo, reforço escolar, alfabetização de adultos, preparação para o mercado de varejo, bem como os projetos de apoio sociopedagógicos, oficinas de educação ambiental, atendimento psicossocial (segurança e acolhida, convívio familiar e comunitário, desenvolvimento da autonomia por meio de trabalho e geração de renda, monitoramento e avaliação do serviço).

Hoje mais de dois mil alunos passam anualmente pela OELA, estando matriculados no ensino regular da rede pública do ensino fundamental e médio; vale ressaltar que os cursos ofertados na associação são atividades complementares para essas crianças e adolescentes.

---

AO FREQUENTAR NOSSAS ATIVIDADES, OS JOVENS DESENVOLVEM E APRIMORAM SUAS QUALIDADES INTELECTUAIS, COMO RACIOCÍNIO LÓGICO, HABILIDADES NAS OPERAÇÕES MATEMÁTICAS, GOSTO PELA PESQUISA, BEM COMO VALORES FUNDAMENTAIS DE SOLIDARIEDADE E RESPEITO COM OS SEUS COLEGAS E O MEIO AMBIENTE.

---

Somos o maior atelier de lutheria do Brasil. Os instrumentos são feitos com madeira da nossa terra, obtida de forma sustentável, alimentando um ciclo saudável para a floresta, comércio local e a cultura geral.



PROJETO:  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM  
CÉLULAS COOPERATIVAS (PRECE)



- \* LOCAL:  
PENTECOSTE (CE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1994

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: MANOEL ANDRADE NETO E MAIS SEIS ESTUDANTES

-  [www.preceac.blogspot.com](http://www.preceac.blogspot.com)
-  @preceac
-  @preceac
-  (85) 3243-2180
-  comunicacao@eideia.ufc.br

Eu sou de Pentecoste, no interior cearense, onde meus avós chegaram há uns cem anos. Na década de 1940, eles migraram por causa da seca, mas meu pai ficou e se casou. Quando eu estava para nascer, minha avó já morava em Fortaleza e levou a minha mãe para eu nascer na capital. Essa avó tinha doze filhos, mas meu pai era o predileto, então virei o predileto também. Ela fez de tudo para eu estudar.

Meu pai era agricultor, mandava umas coisas para a casa da minha avó, mas levávamos uma vida de gente simples. Quando eu tinha mais ou menos uns 16 anos, conheci um jovem, aqui também da região, que me convidou para participar de um grupo de estudos. Ele me perguntou o que eu gostava de estudar e eu disse que era biologia. “Então você vai ficar responsável pela biologia do nosso grupo.” Foi interessante, porque ele era um cara que articulava muita gente e montava vários grupos, aí chamei uns colegas de onde eu estudava também para participar. Fiz muitos amigos ali.

Os grupos se misturavam e iam surgindo novos. Essa experiência foi muito importante para mim, porque descobri o que era universidade, fui saber como entrar, quais eram os cursos, que questões caíam no vestibular. Um dos meus amigos era filho de um ex-professor de uma escola pública muito famosa, a escola pública onde as pessoas que tinham dinheiro estudavam. Esse amigo também gostava muito de educação. Descobrimos uma casa abandonada e passamos a estudar lá.

Passei uns dois anos estudando com o grupo e no último ano fiz o vestibular, passei e nosso grupo se separou, cada um para um lado. Na universidade me envolvi com outras agremiações, participava de uma igreja e de um grupo de profissionais que mantinham um projeto social em um bairro em Fortaleza. Nessa época eu já viajava com mais frequência para Pentecoste. Nunca deixei de ir para o Cipó, a minha comunidade em Pentecoste, pequena, rural, com umas dez famílias. Quando eu terminei a faculdade, fui trabalhar no Rio, passei quase dois anos lá, mas voltei e me envolvi mais fortemente com a comunidade.

Na época eu estava fazendo mestrado, tinha uma moto e todo final de semana ia para lá. Conheci uma moça, me casei e ela também fazia trabalho social. Tentei organizar jogos de fu-

tebol para meninos, mas percebi que não conseguia evoluir muito, dependia muito dos políticos locais. Aí inventei essa história de botar o pessoal para estudar. Convidei eles e disse que podiam entrar na universidade. Muitos nem sabiam nem o que era universidade naquela época, mas acreditaram por causa da minha história, porque eu era de lá e, aos olhos deles, tinha “vencido na vida”.

Encontramos uma casa de farinha abandonada e foi onde os meninos começaram a se juntar para estudar, agora sob a orientação nossa. Depois passaram a morar na casa de farinha, faziam a própria comida. Como eram mais velhos e estavam fora da escola, começaram a cursar o supletivo para concluir o ensino fundamental e o médio.

---

TODO FINAL DE SEMANA EU LEVAVA LIVRO, ESTIMULAVA, BOTAVA NO MEU CARRO E TRAZIA PARA FORTALEZA PARA MOSTRAR A UNIVERSIDADE, OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS, PARA NÃO DEIXAR QUE DESANIMASSEM. E ELAS FORAM CRESCENDO, SE DESENVOLVENDO.

---

Terminaram sua etapa da vida escolar. Tinha estudante lá com 20 anos que só tinha feito até a quarta série primária, tinha ficado fora da escola esses anos todos.

Começamos com sete alunos. Todos entraram na universidade e depois retornaram para ajudar suas comunidades. Hoje o PRECE conta com 13 núcleos, chamados Escolas Populares Cooperativas, em quatro municípios (Pentecoste, Apuiarés, Paramoti e Umirim). Dos 2 mil estudantes que passaram pelo PRECE, mais de 500 estudantes já ingressaram no ensino superior.



PROJETO:  
COMITÊ PARA A DEMOCRATIZAÇÃO  
DA INFORMÁTICA (CDI)



- \* LOCAL:  
RIO DE JANEIRO (RJ)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1995

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: RODRIGO BAGGIO



[www.cdisc.org.br](http://www.cdisc.org.br)



@comitedemocratizacaoinformática



@cpdisc



(48) 3322-2020



contato@cpdi.org.br



O CDI significa, para mim, a minha vida, minha escola, minha caminhada, a forma de expressar a espiritualidade no dia a dia, unindo trabalho, vida e a necessidade de transformar o mundo em um lugar melhor. Mas nada disso se faz sozinho, então o CDI significa também família, comunidade, uma legião de pessoas no Brasil e em 15 países trabalhando para fazer um mundo melhor graças à tecnologia.

Em uma música, Raul Seixas já falava: “Sonho que se sonha sozinho é apenas um sonho. Sonho que se sonha junto vira realidade”. Então, o CDI é um sonho coletivo. Graças a ele, materializamos uma forma de pensar a tecnologia como ferramenta de libertação, que pode ser usada para ajudar a transformar seres humanos em seres éticos, ativos e amorosos. Usamos o método dos cinco passos, baseado nos ensinamentos do pedagogo Paulo Freire e em sua técnica de alfabetização de adultos simplificada; ao trabalhar com o universo de cada indivíduo, esse indivíduo se torna agente da própria transformação. É nisso que acreditamos.

A inspiração para começar meu trabalho veio cedo. Eu tinha 12 anos e ganhei do meu pai o primeiro computador pessoal que entrou no Brasil, um TK82, daqueles com monitor preto e branco, e nele a gente programava. Não tinha sistema operacional. Aprendi a operar esse computador e comecei a ensinar amigos e professores. Descobri a primeira paixão da minha vida: tecnologia.

E também aos 12 anos assisti na escola a uma palestra com um líder social que criou o primeiro movimento para trabalhar com meninos de rua no Rio de Janeiro, junto à arquidiocese do Rio e à Marinha. Ele me inspirou a começar um trabalho como voluntário. Virei organizador de partidas de futebol e de vôlei e, para mim, foi uma experiência formadora conhecer a vida desses meninos que viviam nas ruas. Eu procurava, de alguma forma, impactar a vida deles para melhor. Aprendi muito e descobri a segunda paixão da minha vida, que é o trabalho social, como voluntário.

Depois da universidade fui trabalhar em companhias multinacionais e criei minha própria empresa de tecnologia, uma software house. Com apenas 23 anos tinha grandes empresas como clientes, e comecei a refletir muito sobre a vida, sobre quem eu seria em dez anos, e a projetar meu caminho no futuro.

---

NO FIM DE 1993, EU TIVE UM SONHO. E, LITERALMENTE, NESSE SONHO VI JOVENS DE BAIXA RENDA UTILIZANDO A TECNOLOGIA PARA CONHECER MELHOR A REALIDADE DELES, PARA IDENTIFICAR DESAFIOS, PROBLEMAS E USAR ESSA MESMA TECNOLOGIA PARA TRANSFORMAR SUAS VIDAS, TRANSFORMAR PROBLEMAS EM SOLUÇÕES.

---

Esse sonho impactou minha vida e a partir daí comecei a empreender no que seria o CDI anos mais tarde. Criei uma BBS. Era a forma de a gente se comunicar pela internet, chamada Jovem Link, para ser uma ponte digital promotora de integração social.

Depois disso organizei a campanha Informática para Todos, primeira campanha de reciclagem tecnológica na América Latina. Mobilizei dezenas de voluntários coletando doações, computadores, fazendo a reciclagem, levando para organizações comunitárias em favelas.

Em julho de 1994 percebi que esses computadores estavam sendo bem utilizados, mas não em todo o potencial, porque não existia uma cultura do uso da tecnologia nessas comunidades. Foi quando veio a ideia de montar uma escola de informática e cidadania. Em março de 1995 inauguramos a primeira na comunidade Santa Marta, em Botafogo, na época uma das mais violentas do Rio de Janeiro.

No dia da inauguração a gente convidou líderes da comunidade para celebrar a e até hoje não sei como apareceram onze jornais, sete emissoras de televisão, três rádios, duas revistas. As pessoas começaram a querer implantar essas escolas em outras comunidades do Rio de Janeiro, e assim nasceu o CDI, Comitê para a Democratização da Informática, como a primeira organização social focada em usar a tecnologia para transformar vidas e desenvolver a comunidade. De lá para cá, mais de 1,6 milhão de pessoas foram impactadas. Estamos presentes em 842 instalações nestes países: Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, México, Venezuela, Portugal, País de Gales, Irlanda, Escócia, Polônia, Romênia e Letônia. É realmente um sonho que se sonha junto.








## PROJETO: GRÃOS DE LUZ E GRIO



- \* LOCAL:  
LENÇÓIS (BA)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2001

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: LÍLIAN PACHECO

-  [www.graosdeluzegrio.org.br](http://www.graosdeluzegrio.org.br)
-  @graosdeluzegrio
-  @graosdeluzegrio
-  (75) 3334-1040
-  [graosdeluzegrio@gmail.com](mailto:graosdeluzegrio@gmail.com)

Encontrar crianças na rua sempre me angustiou, mais ainda depois que fui morar em Salvador. Sou da Chapada e, na minha terra, rua é brincadeira, é liberdade. Na cidade grande, tomei um susto: os meninos até brincavam, não tinham para onde voltar depois. Eu devia ter uns nove anos quando comecei a prestar atenção nessas coisas: pegava lençóis de casa e entregava para as crianças, levava para comer na minha casa ou pegava a minha comida e ia repartir e comer com elas na rua. Eu me perguntava por que é que tinham que ficar ali. Depois fui crescendo e entendi o que acontece, mas nunca aceitei, de coração.

Comecei a trabalhar em projeto social muito novinha. Com 16 anos eu já ia para os lixões e me articulava com grupos religiosos e sociais. Quando fui fazer faculdade, já tinha uma experiência como educadora. Mas essa paixão pelo trabalho social só virou meio de vida depois que encontrei meu companheiro, aos 29. Largamos tudo o que tínhamos e viemos para Lençóis, onde alugamos uma casa e nos juntamos ao Grãos de Luz e Griô.

O Grãos de Luz já existia, o Griô não. Havia um grupo aqui que tinha começado a fazer umas sopas nas comunidades, porque a cidade vivia uma transição do garimpo para o turismo, sofrendo muito – até então, a economia era toda baseada no diamante, mesmo. Muita gente passava fome, muitos foram embora. Tinha também uma tensão e um conflito econômico e cultural. A gente chegou nesse contexto. Comecei a contribuir com a sopa, mas logo viram que eu tinha uma habilidade para o trabalho social e me convidaram para criar um projeto. A ideia era trabalhar com pedagogia, oferecendo oficinas, treinando educadores para esse projeto pedagógico e agregando parceiros.

Começamos a chamar de Pedagogia Griô. Era um jeito de integrar a cultura oral da comunidade, a ancestralidade da terra e a história do povo. Alguns empresários locais alugaram um espaço para a gente, na época. E aí fundamos realmente a associação.

O Grãos de Luz e o Griô buscam a realização do direito à educação, arte, cultura e ao desenvolvimento sustentável em comunidades tradicionais, rurais e de periferia da Chapada Diamantina e do Brasil. Zelamos pelo fortalecimento da identidade, da ancestralidade e pela celebração da vida do povo brasileiro, por meio de três linhas de ação: melhoria da quali-

dade da educação de crianças e jovens, educação contextualizada e comunitária e promoção do desenvolvimento sustentável por meio da economia solidária.

A Lei Griô é uma lei que garante a transmissão oral em diálogo com a educação formal. Tem como objetivo reconhecer e incentivar a transmissão dos saberes e fazeres dos griôs e mestres de tradição oral em escolas e universidades públicas. Foi formulada por uma Comissão Nacional de Griôs e Mestres de Tradição Oral, coordenada pela Rede Ação Griô e contou com contribuições e participação da sociedade brasileira por meio de encontros regionais e nacionais e uma página na internet. A Assembleia Legislativa da Bahia, e as Câmaras de Vereadores de João Pessoa, na Paraíba, e de São Paulo já abriram suas portas para sessões especiais sobre a Lei envolvendo mais de 400 deputados, vereadores, representantes das secretarias de cultura e educação, griôs, mestres, educadores e estudantes para encaminhar sua demanda nos orçamentos estaduais.

Griô é uma palavra de origem africana que significa “o sangue que circula”. Os griôs são contadores de histórias, cantadores, genealogistas da tradição do noroeste da África responsáveis pela biblioteca viva da tradição oral. São famílias que, no universo da tradição oral, onde o livro não tem um papel social prioritário, guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país. É por tudo isso que trabalhamos. Já recebemos vários prêmios, como o Itaú Unicef 2003 e o Prêmio Democratização Cultural 2008 pelo Instituto Votorantim.

---

O QUE QUEREMOS MESMO É CONTRIBUIR COM PROJETOS COMUNITÁRIOS QUE INTEGREM ARTE, CULTURA ORAL, EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CIDADANIA, COMBATENDO A POBREZA E A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO E RAÇA.

---







PROJETO:  
RETRATOS DE ESPERANÇA



- \* LOCAL:  
RETIROLÂNDIA (BA)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2016

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: BISMARCK ARAÚJO

-  @retratosdeesperança
-  @retratosdeesperança
-  (75) 8281-8222
-  retratosdeesperanca@gmail.com

Em 2015, eu morava em Salvador e era o típico jovem que deu certo. Vinha de uma família muito pobre de Retirolândia, no coração da Bahia, e tinha feito uma carreira de sucesso como fotógrafo de festas, casamentos, de gente famosa e até de bandas. Mas a verdade é que eu andava incomodado desde o ano interior. Em 2014, já vivendo em Salvador, eu tinha me deparado com cenas que não era comuns, mesmo no interior pobre de onde vim: crianças nuas pelas ruas – nuas porque não tinham o que vestir. Aquilo me mortificou. Fiz o clique, publiquei no Facebook e dez minutos depois fui bloqueado.

Fiquei triste, claro, mas tive uma revelação: se uma foto como aquela incomoda, é porque faz pensar. Se faz pensar, tem um potencial transformador. Isso me conectou com o meu propósito de lá atrás, quando decidi ser fotógrafo. Eu queria usar a fotografia para transformar vidas. Me lembrei de quando era adolescente, trabalhava em uma lan house e vi pela primeira vez uma foto que me impactou. Cheguei em casa e contei à minha mãe que queria ser fotógrafo. Dois anos depois, ela, que tinha dois empregos – em casa de família e como faxineira em um supermercado –, me comprou uma câmera de presente. Minha mãe acreditou nos meus sonhos e me deu a possibilidade de mostrar para o mundo o que eu enxergava.

Nem sempre eram imagens bonitas. A experiência com a foto censurada somou-se a perda de uma pessoa muito querida, meu irmão de leite, e entrei em uma espiral de inconformismo. Virei hippie, viajei muito, mas em certo momento entendi que o que eu vinha procurando estava dentro de mim. Voltei para Retirolândia e comecei lá um projeto social, o Retratos de Esperança.

No começo, eu fotografava pessoas e famílias em situação de muita pobreza, mobilizava amigos e levávamos cestas básicas para famílias carentes. Só que chegou o momento em que matar a fome, apenas, deixou de ser suficiente. Existiam centenas de outras “fomes” urgentes, e talvez a maior fosse a fome de humanidade. Chegávamos aos barracos e as pessoas queriam falar dos seus sonhos. Um telhado que não desmoronasse. Escola. Brincadeira. Logo estendemos nossas ações para outras cidades próximas e ampliamos nossas frentes.

Em Santa Luz, começamos a atender pessoas que moravam em um lixão. As crianças não podiam ir à escola porque eram motivo de piada; os “meninos do lixão”. Mas nem era só isso. Certa vez perguntei a um menino de 8 anos por que não estava estudando. “Tio, ou nós estudamos ou comemos”, ele me respondeu, explicando que os cami-

nhões de lixo passavam três vezes ao dia, às 10, às 12 e às 15 horas – justamente os horários em que ele estaria na escola, se fosse à escola. Os adultos – e mesmo as crianças – disputavam o que chegava com os urubus e os cachorros. Algumas crianças tinham nascido em meio ao lixo. Não tinham identidade nem futuro.

Não adiantava apenas dar alimento para aquelas pessoas: elas precisavam de moradia. Com doações e voluntários, nos organizamos para construir uma casa de 120 metros quadrados para dona Maria, uma avó que era a “chefe” do lixão. Mas os meninos precisavam de educação; montamos uma escola de tempo integral. Tampouco podíamos abandonar os 70 cachorros e 30 gatos de que ela cuidava: criamos um canil. Naquele lixão, mesmo quando as pessoas viviam em barracos, tinha muito amor. Na primeira visita que fiz, na porta do barraco da dona Maria havia uma placa: “Aqui nós recebemos os amigos com amor, fidelidade e compaixão”. Que amigos?, pensei. Quem vem aqui? E, no entanto, fui recebido com tanto amor que me apaixonei.

Nosso trabalho não para de crescer. Entregamos cerca de 10 mil quilos de alimentos por mês a famílias carentes em mais de 30 cidades do sertão da Bahia. Em Canudos, trabalhamos com famílias que só têm acesso a 60 litros de água por semana – o equivalente a uma descarga de vaso sanitário. Com nossos 500 voluntários, continuamos construindo casas e levando comida. Conseguimos padrinhos para bancar crianças pobres em escolas particulares. Temos aulas de futebol e de música. Oferecemos até atendimento médico.

O grande problema do mundo, para mim, é o egoísmo. Eu mesmo era muito egoísta; só cuidava do meu quadrado. A única solução para isso é aceitar o amor nas nossas vidas e compartilhar o que, um dia, recebemos de alguém que também não tinha nada e recebeu de outro. O Retratos de Esperança me salvou. Mudou a minha vida.

---

HOJE EU VIVO EM UM MUNDO DE ESPERANÇA PORQUE TODOS OS DIAS  
VEJO BOAS AÇÕES QUE TRANSFORMAM VIDAS. É NELE QUE ENCONTRO  
FÔLEGO PARA ESTAR VIVO, GRATO E FELIZ.

---

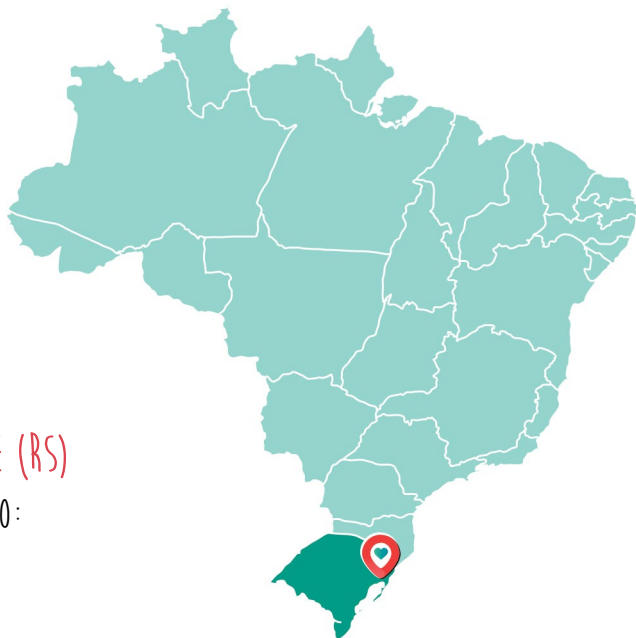


# Alice

AGÊNCIA LIVRE  
PARA INFORMAÇÃO, CIDADANIA  
E EDUCAÇÃO



## PROJETO: BOCA DE RUA - ALICE



- \* LOCAL:  
PORTO ALEGRE (RS)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2000

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: ROSINA DUARTE



[www.alice.org.br](http://www.alice.org.br)



Alice Porto Alegre



(51) 3221-4021



[alice@alice.org.br](mailto:alice@alice.org.br)

O projeto ALICE, sigla para Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação, foi uma ideia de um bando de loucos... Minha avó tinha um ditado: “Espalhe pelo mundo que o diabo se encarrega de juntar!” Foi mais ou menos o que aconteceu.

O projeto nasceu de uma indignação nossa, como jornalistas. Naquela época, vimos que o jornalismo perdia terreno na divulgação e na documentação da informação “comum”, ou seja, do dia a dia do cidadão, e crescia, de uma maneira torta, para noticiar a exceção, que são os ricos, os famosos ou aqueles que cometeram algum delito. E sempre de uma forma espetacularizada, ou seja, não propõe a mudança, não informa o que está acontecendo e não faz refletir a fim de combater preconceitos. Não tínhamos uma proposta pronta; fomos construindo juntos.

Surgiu então o Boca de Rua, nosso primeiro projeto, um jornal comunitário que foi mudando totalmente. Estamos em constante mutação! Isso é o mais saudável no Boca: é feito por todos, não somente com moradores de rua! É feito por mim, por eles, por todos os envolvidos, como os estudantes que trabalham lá, os voluntários. Ele foi se tecendo, ponto por ponto, como uma colchinha de retalhos.

---

AS MATÉRIAS QUE SAEM EM JORNAIS TRADICIONAIS SOBRE OS MORADORES DE RUA SÃO COMPLETAMENTE DETURPADAS. ELAS NÃO CONTRIBUEM PARA QUE AS PESSOAS CRESCAM; CONTRIBUEM APENAS PARA A MANUTENÇÃO DO ASSISTENCIALISMO.

---

Quando se diz: “Não dê esmolas”, ninguém se preocupa em entender o que é uma esmola. Existem esmolas e esmolas. Existe aquela que tu jogas para lavar as próprias mãos, que nós chamamos de esmolas de Pôncio Pilatos... Mas existe outra que você dá para receber, ou seja, uma moeda de troca de afeto. Essa esmola é o caminho para abordar as crianças ou os adultos e dizer coisas que talvez possam interferir positivamente na vida deles. E tu começaste com uma moeda! Existe toda uma hipocrisia da sociedade em lidar com essas questões, de que nós não compartilhamos. Por isso o Boca é incrível: os

mecanismos que as pessoas do grupo acham para estabelecer esses diálogos são maravilhosos.

Na prática, fomos para uma praça e começamos a conversar com a gurizada. Inicialmente, pensamos em uma rádio. Eles não sabiam escrever, ou eram analfabetos funcionais, não sabiam traduzir a riqueza de suas vidas, de suas experiências em palavras escritas. Na oralidade às vezes sim... por isso a rádio. Começamos a trabalhar perguntando o que eles queriam.

“Queremos um jornal igual ao Zero Hora!” [o maior jornal da cidade], disseram. Eu tentei argumentar, mas eles foram firmes: “Queremos um jornal!” E agora, o que vamos fazer? Um jornal precisa de dinheiro. Foi um desafio! Aos poucos fomos desenvolvendo com eles maneiras de passar a linguagem oral para a linguagem escrita, e a criação em grupo. E toda a questão da ética, da responsabilidade da informação.

Trabalhamos então o conteúdo. Cada matéria tinha que ter todos os elementos: o quê, onde, quem e o porquê. Se tu acusavas alguém, tinhas que ir atrás da história, da informação, e saber de onde ela vinha, pesquisar, ouvir a pessoa acusada.... No início foi bastante difícil, mas hoje, se nós esquecemos de algum ponto, eles acabam lembrando!

Também precisamos trabalhar o comportamento deles dentro do grupo. Pois, tradicionalmente, dentro da cultura deles, era somente tomar ou pedir, e ainda desafiar toda e qualquer lei. Como mudar essa cultura? Então fizemos uma coisa muito legal, a lei do Boca, uma lei que nunca foi escrita e todo mundo sabe! Ela é muito rígida; por exemplo: se sumir uma caneta, ninguém ganha jornal! Imagina suspender 330 moradores de rua de receber o jornal para venderem no sinal?

Além do jornal, o Boca já fez quatro microdocumentários, duas exposições de fotos e um livro! Imagina esses guris palestrando em um teatro lotado de estudantes, pessoas que pagaram ingressos para ouvir as histórias do jornal? Um amigo disse: é uma pequena revolução.



projeto  
Cafuné  
no Coração

## PROJETO: CAFUNÉ NO CORAÇÃO



- \* LOCAL:  
JUAZEIRO DO NORTE (CE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2004

FUNDADORE E RESPONSÁVEIS: ALÍPIO E ANINHA CARVALHO



[www.projetocafuneorg.blogspot.com](http://www.projetocafuneorg.blogspot.com)



[facebook.com/projetocafune](https://facebook.com/projetocafune)



[@projetocafune](https://instagram.com/projetocafune)



(88) 3572-1346



[alipio-aninha@hotmail.com](mailto:alipio-aninha@hotmail.com)

Eu estava em uma fila de cinema em Mauá, na Grande São Paulo. Vi uma pessoa jogar um papel no chão, fiquei incomodado e apanhei o papel para botar no lixo. Pensei que esse gesto seria o maior exemplo que eu poderia dar para aquela pessoa. Quando peguei o papel, vi uma figura do Padre Cícero e desdobrei. Eu e minha mulher, Aninha, sempre fomos apaixonados pelo Nordeste e aquela imagem chamou minha atenção na hora. No folheto estava escrito: “Seja um voluntário da Tenda da Esperança”; era um projeto da Igreja Batista Brasileira e precisavam de profissionais liberais. Resolvi ligar.

A pessoa que me atendeu perguntou o que eu sabia fazer. “Nada, só sei dirigir caminhão”, respondi. “Então ligou em boa hora, pois estamos precisando de motoristas!”, ela disse. De fato, eles precisavam transportar lonas e outros materiais para montar um circo. Então eu topei: deixei o caminhão em casa e fui para Juazeiro. Fiquei 30 dias trabalhando lá como voluntário e fui me encantando com tudo o que vi. Quando voltei para São Paulo, disse para a Aninha: “Você precisa conhecer Juazeiro!”.

Interessante que em tantos anos de estrada - nossa família é toda de caminhoneiros - eu não conhecia Juazeiro. Fazia mais as capitais, Salvador, Recife, Fortaleza. Esse trecho a gente não conhecia. Então insisti com ela que no ano seguinte a gente iria. A Tenda funcionava todos os anos.

Aninha tem um filho já adulto que não quis nos acompanhar, então partimos só nós dois. Até então, mesmo trabalhando muito, a gente sempre achava um tempo livre para fazer doações, ajudar em casas de recuperação de dependentes químicos, trabalhar com crianças e jovens. Na estrada, mobilizávamos outros caminhoneiros. Sempre gostamos de trabalhar com gente.

Ao decidir viajar para Juazeiro, sabíamos que teríamos muito trabalho voluntário pela frente e que teríamos que nos virar para garantir o nosso sustento. Pensamos em trabalhar 60% do tempo com o caminhão e 40% no social. Mas quando chegamos, vimos que não tinha como. Precisávamos de disposição integral para o social.

Logo no primeiro momento, conhecemos um rapaz alcoólatra que logo começou a andar com a gente. Ele queria parar de beber e precisava de apoio. A gente orientava, ele parava, depois voltava. Dava uma tristeza quando ele tinha recaída... Seu nome era Paulinho, mas era conhecido como Papudinho, o tipo de cara que a sociedade não acredita que vai mudar.

Mas a gente insistiu, e ele finalmente parou. Arrumou uma namorada, deu um jeito na vida. Foi trabalhar como empregado em uma loja de celular e acabou assumindo o negócio. Pagamos um curso de manutenção de celular para ele. Foi uma virada muito legal!

Quando a população viu a transformação do Paulinho, começou a questionar: como ele conseguiu? Outras pessoas começaram a nos procurar. Uma mulher que tinha problema com álcool – aqui muitas mulheres têm, mas ficam mais escondidas – nos pediu ajuda também. Toda semana a gente fazia uma reunião, e ela sempre trazia uma pessoa. Depois outra, e assim por diante. Como essas mulheres não tinham com quem deixar os filhos, traziam para cá.

Foi enchendo e misturando os alcoólatras com as crianças, então ficamos preocupados. Uma amiga da Aninha que gostava de crianças resolveu se juntar a nós; enquanto atendíamos os pais, ela ficava com as crianças.

O movimento foi crescendo e as pessoas começaram a pedir que a gente se mudasse para cá e alugasse uma casa grande, pois os locais onde fazíamos os atendimentos em Juazeiro eram pequenos. Durante uma temporada de férias em São Paulo, conhecemos um empresário que resolveu bancar o aluguel da casa onde trabalhamos hoje. E foi fiel, pagou o aluguel por cinco anos!

---

AQUI QUEREMOS QUE TODOS SE SINTAM ACOLHIDOS, COMO SE ESTIVESSEM NA CASA DA AVÓ. NOSSO DESEJO É QUE ELAS SEJAM MELHORES DO QUE NÓS, QUE CONTINUEM O TRABALHO, POIS UM DIA VAMOS PARTIR DESTA VIDA. SE ALGUÉM PENSA EM FAZER PROJETO SOCIAL POR NOME OU DINHEIRO, ESTÁ NO LUGAR ERRADO. SÓ FLUI SE FOR UMA COISA DA ALMA. AS PESSOAS QUE ATENDEMOS VÊM PRIMEIRO. DEPOIS EU PAGO MINHAS CONTAS PESSOAIS.

---

Hoje temos muitos mantenedores que nunca vieram aqui. Ajudam porque acreditam no trabalho que executamos. O Cafuné no Coração já virou um legado para a cidade. O prédio acaba, a gente pode sair, mas o que foi plantado vai sobreviver a tudo isso.



PROJETO:  
INSTITUTO ARARA AZUL



- \* LOCAIS:  
MIRANDA, AQUIDAUANA E  
BONITO (MS) E REGIÃO DE  
BARÃO DE MELGAÇO (MT)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2003

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: NEIVA GUEDES



[www.institutoararaazul.org.br](http://www.institutoararaazul.org.br)



@institutoararaazul



@institutoararaazuloficial



(67) 3222-1205



contato@institutoararaazul.org.br

Minha história começou quando estudei biologia. Recém-formada, queria trabalhar com alguma espécie da fauna do Pantanal. Eu gostava muito de bichos e coincidentemente tinha feito um curso de conservação da natureza. Foi quando vi as araras pela primeira vez. Então eu soube que, de acordo com as avaliações, se não fizéssemos nada essa espécie corria o risco de desaparecer. Na faculdade, eu dizia aos meus professores que queria ajudar as araras, mas naquele momento eu não sabia nada sobre elas. Aí comecei a estudar e a fazer levantamentos. Escrevi uma proposta de pesquisa que acabou virando um projeto de vida.

Faço esse trabalho há mais de 30 anos. E isso motivou muitas pessoas a se interessar por elas, também.

O Pantanal tem onças, jacarés, tucanos, uma infinidade de belos animais. Há outras espécies sob risco de extinção. Porém, a partir do momento em que chega uma mulher subindo em árvores, atolando o carro dia a após dia, noite após noite, as pessoas começaram a entender que meu trabalho não era apenas uma tese de mestrado. O pantaneiro é um pouco arredo, mas quando ele conhece você e compreende o seu propósito, tudo fica mais fácil.

Quando comecei a pesquisa estimava-se a existência de 2,5 mil araras no Brasil, sendo que 1,5 mil no Pantanal. Hoje, calcula-se que haja 5 mil no Pantanal e 6,5 mil aves no total. A população de araras azuis está crescendo. Aumentou também o total de áreas nas quais elas são encontradas.

Não costumo parar para pensar no que já realizei. A verdade é que gosto tanto do que faço e tenho tanto prazer em cuidar da natureza, em especial das araras, que não preciso estar no Pantanal para imaginar novas maneiras de ajudar. Descobrir como diminuir a predação de ovos e aumentar a quantidade de ninhos são ações paralelas que já me trazem grande satisfação pessoal.

É muito bom, porque faço por amor! Eu faço o que eu gosto! Eu acredito! Se você está fazendo algo em que acredita, não tem como não dar certo!

O meu grande sonho é criar políticas públicas rigorosas de preservação. Envolver mais gente e disseminar informação sobre a natureza.



Acredito também que não dá para trabalhar com conservação sem envolver a comunidade. Não é possível caminhar separado, por isso o Instituto Arara Azul desenvolve um trabalho com as famílias pantaneiras.

A preservação ambiental precisa de conscientização do ser humano. É uma teia, todo mundo junto!

---

NÃO TENHO DÚVIDA DE QUE, SE CADA UM FIZER UM POUCO, MUDAREMOS O MUNDO.  
NÃO PRECISA SER ALGO MUITO GRANDIOSO: PODE SER SIMPLES, NO SEU LIMITE.

---

Lógico, se você tiver como fazer algo grandioso, faça! Mas se não puder, faça algo de acordo com a sua realidade: no quintal de casa, na rua, na sua casa, em qualquer lugar. Basta boa vontade. Muitas pessoas visitam o Instituto, elogiam o trabalho e no final dizem: “Parabéns, continue firme!”. Tudo bem, eu continuo, mas e essa pessoa, vai fazer o quê? Isso incomoda um pouco. Não adianta só aplaudir os outros. Qual é a sua contribuição para o mundo?



PROJETO:  
CASA DA CRIANÇA



- \* LOCAL:  
RECIFE (PE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1999

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: PATRÍCIA CHALAÇA



[www.projetocasadacrianca.com.br](http://www.projetocasadacrianca.com.br)



@prcasadacrianca



@projetocasadacrianca



(81) 3467-9968



[contato@projetocasadacrianca.org.br](mailto:contato@projetocasadacrianca.org.br)

Desde pequena eu dizia que, quando crescesse, queria ter uma creche, abrigo ou instituição para ajudar crianças. Com 20 e poucos anos me vi arquiteta, mas ainda não tinha o dinheiro para construir o espaço que eu queria. Mas também não queria abrir mão dos meus sonhos.

Sempre fui muito criativa e determinada: quando colocava uma coisa na cabeça, fazia de tudo para dar certo. Nunca deixava pela metade meus objetivos! Um dia, tive uma ideia: se eu conseguisse convencer outras pessoas a embarcar no meu sonho, nós não precisaríamos necessariamente de dinheiro! Procurei outros arquitetos e gente de diversas áreas, cada um doando o seu trabalho. E conseguimos! Começamos reformando a Casa de Carolina, um abrigo para crianças órfãs em Recife, e não paramos. Já se passaram 21 anos. Confesso que não achava que fosse durar tanto nem que o projeto fosse vingar. Acreditava que faria um abrigo ou uma creche só, proporcionando às crianças um local bonito e uma vida melhor. Mas o trabalho foi tão significativo, o pessoal aderiu em massa e com tanta paixão, que quando terminamos a primeira casa decidimos fazer uma por ano! Logo outros arquitetos de outros lugares quiseram fazer uma Casa da Criança em sua cidade! Aí pensamos: “Agora é um caminho sem volta”.

Bem no início, parceiros do Terceiro Setor me procuraram e fui selecionada para receber incentivos. Eu não conhecia nada do Terceiro Setor nem fazia parte de movimento sociais; era apenas uma arquiteta, cidadã, uma pessoa comum que quis retribuir à sociedade pelas oportunidades que teve na vida! Nos tornamos uma organização com reconhecimento federal, qualificada como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público).

Nessa nova fase, fomos agregando voluntários, amigos, parceiros e chegamos à estrutura que temos hoje, com uma equipe nacional.

Todas as nossas obras acontecem sem captação de dinheiro, exatamente como no começo. A gente faz uma obra de 500, 600 mil ou 1 milhão de reais, sempre com o arquiteto doando o serviço, a construtora doando a mão-de-obra e aí vamos atrás de cimento, tinta, etc. O material é enviado pelos patrocinadores nacionais para a Casa da Criança em qualquer lugar do país. Fora isso, também temos os patrocinadores locais.

Em toda ação que fazemos nas cidades, chamamos a imprensa, criamos campanha de divulgação e vamos convencendo todo mundo a participar. Se uma pequena empresa pode doar quatro cadei-

ras, a gente aproveita; se a dona de casa quer doar 100 reais, pedimos para fazer uma compra, por exemplo, de um liquidificador e entregar na base que montamos.

---

MOBILIZAMOS A COMUNIDADE ACEITANDO PRODUTOS E SERVIÇOS, E NÃO DINHEIRO. ISSO DEU UMA TRANSPARÊNCIA, UMA CREDIBILIDADE MUITO GRANDE PARA A CASA DA CRIANÇA.

---

Com o tempo, descobrimos mais de mil maneiras diferentes de as pessoas fazerem alguma coisa. E foi assim que nasceu a Cia. dos Anjos: percebemos que muitas instituições não precisavam de um teto, mas sim de ajuda no atendimento. Resumindo: hoje temos a Casa da Criança, que põe a mão na massa com arquitetura e construção, e a Cia. dos Anjos, que não é obra física, e sim uma visão para mobilizar pessoas que contribuam com aulas de canto, de música, de dança.. Todo tipo de serviço, desde que não envolva dinheiro. Até posto de gasolina vira parceiro para pagar o combustível da Kombi da instituição. A Unimed dá atendimento às crianças, e por aí vai. Vamos fechando parcerias para oferecer mais qualidade de vida aos meninos.

O olhar mudou, a responsabilidade aumentou. Lá trás, atendíamos 500 crianças e hoje atendemos 20 mil. Percebemos, infelizmente, que existem ainda milhares de locais, milhares de crianças precisando de ajuda! Então, só nos resta fazer mais e mais.







PROJETO:  
CASA DO BEM



- \* LOCAL:  
NATAL (RN)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2005

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: FLÁVIO REZENDE

-  [www.casadobem.org.br](http://www.casadobem.org.br)
-  @casadobem
-  @casadobem
-  (84) 99843-2229
-  casadobem@gmail.com

As coisas na Casa do Bem não aconteceram de uma forma planejada: foram se desdobrando naturalmente. Venho de uma família de seis irmãos, e desde pequeno sempre gostei de ajudar sem que me pedissem. Quando tive o meu dinheiro, organizei um jornal alternativo, fiz pulseira e pirâmide, era meio hippie; então decidi ir para a Índia. Lá conheci um trabalho social muito grande e me encantei.

A viagem potencializou aquele desejo de ajudar que eu já tinha dentro de mim. Ao voltar para Natal, resolvi morar em um bairro que era considerado muito violento, o Mãe Luiza. Foi a primeira favela de Natal. Todo mundo achou uma loucura, mas eu estava decidido. Uma vez lá, comecei a andar pelo bairro e a interagir com as pessoas, até levava para o hospital quando necessário (não existia o SAMU na época). Começou a circular pelo bairro que eu era um “menino bonzinho”, e as demandas foram aumentando.

Foi então que começaram a me procurar para fazer projetos. A própria comunidade queria. Comecei com ações pontuais. Por exemplo: uma família não tinha moradia digna; então, com um dinheiro extra que ganhei, fui lá e reformei a casa deles, com piso, banheiros, etc. A notícia correu e a cada dia mais gente me pedia ajuda. Quando você faz o bem sem pregar religião nem pedir voto político, as pessoas acabam querendo retribuir de alguma maneira, e o que eles me davam em troca era AMOR e CARINHO. E esse tipo de pagamento transforma sua vida toda, você fica doidinho!

Começaram a aparecer pessoas da comunidade que tinham algum talento e queriam contribuir; por exemplo, um bailarino queria dar aulas de balé. Eu abria a minha casa e ele começava a ensinar dança na sala! Depois vieram a escola de futebol, o projeto do surfe...

Começamos a sonhar com a compra de uma casa menor no próprio bairro. Uma pessoa disse que eu não conseguiria comprar uma casa com apoio da comunidade se eu não tivesse uma pessoa jurídica, uma ONG. Falei que não queria mexer com isso, pois detestava burocracia, documentação, etc. Ele conversou muito comigo e se dispôs a cuidar de toda a papelada; me daria uma ONG de presente! Em agosto de 2005, ficou oficializada a Casa do Bem.

Pensei: “Agora preciso arrumar dinheiro para comprar a casa-sede e tocar os projetos”. Então fiz o Livro do Bem, com textos e imagens que despertam bons sentimentos e pensamentos. Nele havia também um resumo dos projetos que já tínhamos. No dia do lançamento, convidamos algumas pessoas e apareceu lá um grande empresário da cidade. Achei que ele queria apenas comprar o livro, mas, para minha surpresa, disse: “Vou comprar o livro, mas quero ajudar mais! Eu vou lhe doar o terreno vizinho a sua casa!” E de fato fez isso.

Pedi ajuda a um arquiteto e o projeto da sede custaria 380 mil reais. Começamos a fazer festas e eventos para gerar recursos para a obra e também recorremos à Lei Cultural de Incentivo aqui do estado. Assim surgiu fisicamente a Casa do Bem. O passo seguinte foi correr atrás de equipamentos: computador, mesas, etc.

Hoje oferecemos várias atividades. A escolinha de futebol atende 170 jovens. Temos bailarinas, e a professora já foi aluna. O antigo professor de balé, que começou na garagem da minha casa, hoje tem a própria companhia de dança. Oferecemos tae-kwon-do e karatê. Alfabetização de crianças e adultos. Atuamos com educação, esporte, música.

Faltou dizer que também distribuimos alimentos e sopão. Inserimos as pessoas em ambientes culturais da cidade, levando-as a shows, teatros etc. É tudo uma questão de equilíbrio; queremos que todos possam ter acesso.

---

COMO DIZ O BUDISMO, A RAIZ DE TODO SOFRIMENTO É O DESEJAR, DESEJAR SEM LIMITES! PORQUE O DESEJO POR BENS MATERIAIS NÃO TEM LIMITE! DOAR O QUE TEMOS E MULTIPLICAR É O CAMINHO! SIMPLES ASSIM.

---



Associação Educacional e Cultural Essência

PROJETO:  
AECE - ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL  
CULTURAL ESSÊNCIA



- \* LOCAL:  
MACAPÁ (AP)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2012

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: ELIAS TAVARES SAMPAIO



[www.associacaoessencia.org](http://www.associacaoessencia.org)



@associacaoessencia



[educar.essencia@gmail.com](mailto:educar.essencia@gmail.com)



Quando morei em São Paulo, estudei em uma universidade de música. Voltei para Belém e fiz alguns trabalhos com música por lá. Mas era uma vida meio nômade, até que passei no concurso da Banda de Música dos Bombeiros do Amapá e me mudei para a capital, Macapá. Lá, tentei trabalhar voluntariamente em escolas de música, nas igrejas... Até que um dia tive a ideia de promover um Festival de Música em Macapá.

Lá não tinha nenhum tipo de festival educacional, desses com presença de professores, educadores e com oficinas onde possa haver um intercâmbio com alunos de outros municípios. Então, me animei e desenhei o projeto. Percebi que existia uma carência enorme de escolas de música nos municípios na região. Os músicos daqui eram formados em igrejas, com amigos, se viravam! Entendi que poderíamos que fazer um trabalho muito maior com eles!

Criamos um projeto que pudesse ensinar música a esses jovens. Um Sistema de Bandas e Orquestras do estado do Amapá.

Graças a esse sistema, temos condições de criar polos nas comunidades. Hoje são seis. O primeiro surgiu a partir de um edital (Telefonia Oi) aprovado no FIA (Fundo da Infância e do Adolescente). Com ele conseguimos por um ano pagar instrutores e comprar equipamentos: violino, violões, violoncelo, viola, contrabaixo acústico e instrumentos de percussão erudita, entre outros.

Percebemos que a comunidade estava valorizando o projeto social e a cultura local graças a esses estudos da música. Com esse edital fomos então para o Quilombo do Curiaú, criando assim a primeira orquestra quilombola do Brasil, que foi reconhecida pela Fundação Palmares.

Isso nos deu uma satisfação muito grande. Pois lá, apesar de os músicos tocarem os instrumentos da cultura quilombola, eles tiveram acesso a outros. Os adolescentes ficaram encantados, apaixonados pela orquestra.

Passado um ano, os próprios quilombolas arrumaram um local melhor para continuarmos o trabalho. A ideia de ter um local maior e dentro da comunidade partiu deles, pois somente quem é quilombola e morador pode adquirir terras lá.

Foi muito emocionante! Jovens de 10 a 13 anos se juntaram e pediram a seus pais que adquirissem um espaço maior. Houve uma grande mobilização dos meninos e seus familiares. Toda a comu-

nidade ficou empolgadíssima. Com os recursos do edital criamos também os outros polos: de Zerão, Universidade, Jardim do Marabaixo e Santa Rita. Os primeiros jovens participantes hoje são monitores desses polos.

O edital que permitiu todas essas conquistas vigorou ao longo de 2012. Em dezembro daquele ano, o dinheiro se esgotou, mas não desistimos: continuamos procurando recursos de várias maneiras, pedindo doações, criando campanhas de financiamento coletivo, etc. O trabalho não pode parar! Continuamos fazendo as apresentações nas comunidades, tentando criar novos polos e arrumar parceiros para as ajudas de custo dos monitores.

---

A NOSSA VIDA É UMA ALEGRIA! É OUTRA VIDA! ONDE HÁ MÚSICA HÁ VIDA!

---






PROJETO:  
ESTRELAS DO MAR



- \* LOCAL:  
ARACAJU (SE)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2011

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: BYRON SILVA E ANNE BASTOS

-  @projetoestrelasdomar
-  @projetoestrelasdomar
-  (79) 99912-9102
-  projetoestrelasdomar@gmail.com

Tudo começou quando Ailton Kostela, um atleta da cidade, foi assassinado ao tentar intervir em um assalto para salvar uma criança. Deixou esposa e dois filhos. Quando ele se foi, eu, um policial militar, tive como primeira reação fazer justiça com minhas próprias mãos!

Ele era meu primo, e a gente já tinha o sonho de montar uma escola de bodyboard para pessoas carentes. Juntei alguns amigos e demos início a esse projeto em homenagem a ele. O nome Estrelas do Mar surgiu porque eu acredito que as pessoas com quem desejávamos trabalhar têm um brilho próprio que alegria e contagia os que estão em volta.

Começamos com oito crianças e adolescentes com síndrome de Down e outras sem comprometimento motor e psíquico. Conseguimos seis pranchas, compramos mais duas e logo iniciamos as aulas. Depois procuramos a APAE, apresentamos nossa iniciativa e fizemos com eles uma parceria.

Buscamos os meios técnicos e científicos para que houvesse não só atividades lúdicas, mas também um espaço para desenvolver as habilidades sociais das crianças na medida do possível. Queríamos um lugar onde crianças deficientes e não deficientes pudessem interagir, todas tomando consciência de que existem outras realidades. Afinal, conhecimento é o que acaba com o preconceito.

Basicamente fazemos uma “terapia” com as crianças na água, com muita convivência, amor e doação, enquanto ensinamos a elas o surfe. E isso gera muito prazer: prazer para os voluntários que participam; prazer para os pais, que acompanham o desenvolvimento dos filhos e têm a oportunidade de passar um tempo agradável com eles, além de vê-los praticando esportes; e prazer para as crianças, que, além de melhorarem sua coordenação motora, se divertem.

Projetos assim já existem em outros estados, porém com ações esporádicas. Nós trabalhamos com continuidade. Os pais acreditaram na gente e isso nos ajudou a crescer, principalmente na base do boca a boca. É um projeto de inclusão, pois as mesmas atividades são feitas por todas as crianças, quer tenham alguma dificuldade ou deficiência, quer não.

Hoje trabalhamos com mais de 50 voluntários, que vêm para cá por meios próprios. Para os meninos, conseguimos um

transporte, pois, além das deficiências, grande parte é da periferia, o que dificulta a locomoção. O transporte, então, é fundamental. Temos profissionais de educação física, que dão o aquecimento e o alongamento; pedagogas especialistas em educação inclusiva que atendem as crianças nos aspectos psíquico e motor, e nós, da prática esportiva, que ensinamos as técnicas. Porém, ainda assim, estamos sempre abertos para novos parceiros que doem equipamentos, protetor solar e lanches.

Faça chuva ou faça sol, todo sábado, das 8h às 12h30, estamos na praia, em parceria com um bar, que nos dá a infraestrutura para atender as crianças.

---

NÓS NOS SENTIMOS VALORIZADOS COMO PESSOAS E ELAS SÃO GRATAS POR  
NOSSA DISPONIBILIDADE! ESSE É O NOSSO PAGAMENTO.

---



PROJETO:  
CREN - CENTRO DE RECUPERAÇÃO  
E EDUCAÇÃO NUTRICIONAL



- \* LOCAL:  
MACEIÓ (AL)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2007

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: TELMA MARIA DE MENEZES TOLEDO FLORÊNCIO



[www.cren.org.br](http://www.cren.org.br)



[@cren.org.br](https://www.facebook.com/cren.org.br)



[@cren.al](https://www.instagram.com/cren.al)



(11) 3218-2410



[comunicacao@cren.org.br](mailto:comunicacao@cren.org.br)

O projeto CREM nasceu da minha identificação e solidariedade com as famílias muito carentes com quem trabalhei nas comunidades de Maceió, e também do meu inconformismo. Sou doutora em nutrição e pesquisadora científica, e visitava todos os dias as casas de famílias carentes para coleta de dados: pesava, media e examinava as crianças. Todos os dias me perguntava: “O que posso fazer por essas pessoas?” Porque dados científicos não vão mudar a vida delas na prática.

Eram famílias muito pobres. A maioria morava em casas mal-acabadas, feitas de material impróprio para construção civil, em bairros sem nenhum tipo de rede de esgoto. A luz elétrica vinha de gambiarras e a água era apanhada pertinho do hospital universitário por um cano furado. As crianças brincavam dentro de canais de lama e excremento.

Eu convivia com casos de extrema pobreza havia muito tempo, mas a princípio meu grupo, pesquisadores que faziam doutorado no Hospital Universitário, tinha uma visão muito científica da coisa, não social. Aquelas famílias eram invisíveis para nós; eram apenas fontes de dados. Comecei a enxergá-las além disso. Aquelas crianças vinham para nós um dia com pneumonia, no outro com gastroenterite, no outro com dermatite, e as pessoas não percebiam que não adiantava nada tratar a patologia se não se impedisse a proliferação de doenças.

Sou nutricionista e queria melhorar a vida daqueles moradores por meio da alimentação. Sabia que isso faria uma diferença muito grande. Eles praticamente acordavam e iam dormir sem saber o que comeriam na próxima refeição. Você não tem ideia de como é árduo, extremamente doloroso, para aquelas mães não saberem o que vão dar aos seus filhos ou ter que escolher a quem seria dada a comida. Às vezes a comida era tão pouca que o jeito era diluir. O leite precisava ser diluído, a carne precisava ser muito cortada e às vezes um ovo era dividido entre três ou quatro crianças.

O trabalho científico que realizamos naquelas comunidades deu origem ao CREM. Publicamos o resultado de nossas pesquisas em revistas nacionais e internacionais; com esses dados fizemos um projeto e ele foi aprovado. Conseguimos o dinheiro para construir e equipar o centro. Inauguramos em 9 de agosto de 2007.

Também entendemos que não bastava ter saúde; a criança precisava ser bem formada. Naquele ambiente totalmente insalubre em

que elas viviam, não havia condições mínimas para se desenvolverem. Por isso, no centro a gente tem professor, pedagogo, psicólogo, assistente social, nutricionista, médico e toda uma gama de profissionais de apoio.

Nesse ambiente, ensinamos as crianças a comer melhor e chamamos as mães para fazer oficinas de compra de alimentos, de sabor, de valor nutritivo e de como prepará-los para obter ganho ou perda de peso, não desenvolver hipertensão e diabetes.

Já atendemos mais de 20 mil famílias, cerca de 80 mil pessoas no total. Oferecemos 13 mil refeições por semana em 24 comunidades e pretendemos ampliar esse leque para alguns municípios do interior.

---

SE TODO MUNDO FIZESSE UM POUCO PELO OUTRO, TERÍAMOS REGIÕES MELHORES, PAÍSES MELHORES E PESSOAS MELHORES.

---

Nosso sonho é fazer um grande projeto para erradicar a desnutrição. Não é possível um país rico como o Brasil ainda abrigar miseráveis. A miséria não é concebível. Ninguém merece viver de forma desumana.





PROJETO:  
PROJETO SOCIAL CASA DE MARIETA



- \* LOCAL:  
CEILÂNDIA (DF)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
2002

FUNDADORA E RESPONSÁVEL: MARIETA SOARES



@casadamarietaprojetosocial



(61) 98379-9519 | (61) 8410-4680



odilsonmedrado@gmail.com

Me chamo Marieta Soares. Nasci no Piauí, me criei no Ceará e fui para o Maranhão morar na casa de um irmão mais velho. Lá conheci meu esposo. Mas a vida no Maranhão estava muito difícil. Sonhávamos em morar em Brasília, a capital dos sonhos dos nordestinos, e como não tínhamos emprego, decidimos tentar a vida lá. Eu acreditava que em Brasília conseguiria colocar meus três filhos para estudar, uma oportunidade que não tive. Quando cheguei, me deparei com outra realidade. O aluguel era muito caro. Eu trabalhava em uma feira vendendo pequenas peças, às vezes tendo que correr da fiscalização, e meu esposo foi tentar trabalhar como lavador de carro, o que não deu certo. Um dia, nos vimos os dois desempregados.

Achamos um parcelamento de terra do governo em um setor de chácaras, e foi lá que conquistamos um pequeno lote para construir um barraco. A casa, contudo, ficava bem longe da escola dos nossos filhos. Às vezes tínhamos que andar cinco ou seis quilômetros para chegar à escola mais próxima, e apesar de meu sonho sempre ter sido morar perto de uma escola, não tive essa possibilidade devido à nossa situação financeira.

Mesmo longe, matriculei meus filhos e todo dia eu tinha que levar e trazer. Ficava na feira com os meninos ensinando o dever de casa e à noite ia para casa com o esposo. No caminho eu juntava jornais, revistas e todos os livros que eu achava jogados.

Tinha mania de catar livro e revista para aqueles trabalhos da escola em que os professores pediam recortes. Os vizinhos viam que eu ensinava meus filhos e começaram a aparecer por lá pedindo ajuda também. Deu que em 2002 eu estava com 65 alunos dentro de casa todos os dias, ajudando até nos finais de semana. E nessa fomos conquistando mais e mais alunos, sendo que muitos desses tinham sido matriculados nas escolas, porém não tinham condição de ir por causa do transporte. Foi aí que eu coloquei essas mães em uma lista para pedir ajuda ao governo.

Bati de porta em porta. Muitas estavam fechadas, mas batíamos até abrir. Em 2007, conseguimos quatro ônibus para levar as crianças. Não era suficiente, pois o número de meninos que chegavam não parava de aumentar. Mesmo em casa, já não dávamos conta de tanto aluno; era um barraco 10 por 12 metros quadrados onde morávamos eu, meu marido e três filhos. Che-

gamos a montar um mercadinho, porque o lugar era muito distante de tudo, mas falimos, porque a população era muito carente e acabávamos doando mais do que vendíamos.

Um dos meus filhos falou assim: “Minha mãe, coloca uma placa na parede dizendo: ‘Esse é o projeto social Casa de Marieta, precisamos de ajuda para alimentar 65 meninos’. Pode ser que algum empresário passe e veja essa placa, e o coração dele vai ser tocado para trazer alimento, porque a nossa mercearia não vai dar conta”.

E foi assim que surgiu o nome, Projeto Social Casa de Marieta. Hoje atendemos mais de 100 crianças, temos capoeira, reforço escolar, a escolinha de futebol, oficinas de fazer pufe com material reciclável aos sábados para as mães e até uma oficina de inglês com 30 meninos, todo sábado, das 2 às 5 da tarde.

---

A CASA DE MARIETA É UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E SEMPRE FAZ O MAIOR ESFORÇO PARA AJUDAR, CONTRIBUIR E MELHORAR A SITUAÇÃO DE QUEM PRECISA, DE QUEM CHEGA ATÉ AQUI, DAQUELES QUE ESTÃO MAIS NECESSITADOS. ESTAMOS SEMPRE PRONTOS PARA AJUDAR, AS PORTAS VIVEM ABERTAS, DIA E NOITE, É IGUAL A HOSPITAL.

---



MENINOS  
DE 4 PINHEIROS

PROJETO:  
CHÁCARA MENINOS DE 4 PINHEIROS



- \* LOCAL:  
MANDIRITUBA (PR)
- \* ANO DE FUNDAÇÃO:  
1995

FUNDADOR E RESPONSÁVEL: FERNANDO GÓES



[www.4pinheiros.org.br](http://www.4pinheiros.org.br)



@marketingm4p



(41) 3044-1661 | (41) 3633-1159



[fundacao@4pinheiros.org.br](mailto:fundacao@4pinheiros.org.br)

A vida toda fui contra o abrigo de crianças e adolescentes porque sempre achei que lugar de criança é com a família. Mas no início dos anos 1990 e comecei a participar do enterro de muitas crianças e adolescentes em Curitiba. Era frade carmelita e pensei: “Meu Deus, as pessoas nasceram para a vida, por que morrer tão cedo?” Inconformado, não me acomodei. Eu não podia enterrar o futuro do Brasil: as crianças do nosso país precisam de dignidade, de vida. Precisam de luz.

O que eu poderia fazer? No trabalho de educação na rua, em Curitiba e região metropolitana, um dia um grupo de meninos me interpelou. Eu sempre trabalho com método de Paulo Freire, então fui ouvir essa população e extrair deles a solução.

Então, uma noite, alguém falou: “Vamos criar uma chácara?” “Mas por que uma chácara?”, perguntei. “Porque nós vamos voltar para nossas raízes, o contato com a terra, o convívio com a natureza, com os animais e a distância das drogas”. A partir desse sonho que nasceu na rua, me organizei em sistema de mutirão para criar a chácara Meninos de 4 Pinheiros.

A chácara se enquadra na modalidade de acolhimento. Os meninos que vão para lá obedecem a uma ordem judicial. Ora são crianças em situação de rua, ora meninos que estão em conflito com a justiça ou com a família, muitas vezes usando drogas. O atendimento é feito em sistema de abrigo em uma chácara na região metropolitana de Curitiba, em duas casas-lares, com capacidade total para 40 crianças e adolescentes do sexo masculino, com idade entre 6 a 18 anos. A instituição media a reconstrução dos vínculos familiares e a reintegração à comunidade.

Quando chegam à chácara, primeiro são acolhidos e inseridos na escola. Muitos têm o sonho de estudar, e trabalhamos para que realizem esse desejo. Estamos falando de cidadania, então tem que estudar. A chácara oferece também uma série de oficinas pedagógicas, oficinas de protagonismo juvenil, trabalho com as famílias, trabalho na agricultura com horta, capoeira, futebol. Durante o dia, nossos meninos têm acesso a uma série de atividades pedagógicas, ou mesmo ao trabalho na terra, para que tenham contato com a natureza, com os animais. Sabemos que isso é muito importante na sua terapia.

Vivemos praticamente de doações. É possível. E que cada um comece a dar mais de si e partilhar aquilo que tem. Seu amor seu carinho seus bens materiais a gente vai conseguir. A Bíblia já dizia que “quando todos sentarem na mesma mesa é que haverá uma felicidade plena”.

---

ENQUANTO EXISTIR UMA CRIANÇA NA RUA EU NÃO POSSO DORMIR FELIZ. SE EU NÃO TENHO PÃO PRA TODO MUNDO EU NÃO POSSO COMER UM PÃO SOZINHO, TENHO QUE PEGAR ESSE PÃO E PARTILHAR. ENTÃO EU SOU FELIZ CONFORME A SOCIEDADE VAI SE MODIFICANDO. EU SOU MOVIDO PELA ESPERANÇA. A NOSSA ESPERANÇA TEM QUE MOTIVAR AS PESSOAS PRA QUE ELAS SAIAM DO COMODISMO E TAMBÉM FAÇAM SUA PARTE PARA MELHORAR O MUNDO.

---



Para saber mais informações sobre bons exemplos  
que encontramos pelo caminho, visite o site

 [www.cacadoresdebonsexemplos.com.br](http://www.cacadoresdebonsexemplos.com.br)

e curta nossas redes sociais.

 /cacadordebomexemplo

 /cacadoresdebonsexemplos

 /cacadoresdobem

 [contato@cacadoresdebonsexemplos.com.br](mailto:contato@cacadoresdebonsexemplos.com.br)

Se quiser se tornar um caçador...

- Baixe o aplicativo gratuito: Caçadores de bons exemplos



Visite um projeto em sua cidade

- Faça uma foto

- Publique no aplicativo e pronto!

Você também cansou de ouvir notícias ruins?  
Inscreva-se e assista todos os videos no nosso canal no YouTube

 /cacadoresdebonsexemplos



Copyright® Caçadores de Bons Exemplos Ltda

Uma produção Colmeia Edições

Edição de textos:

**Sibelle Pedral, Lizandra Magon de Almeida e Gabriela Franco**

Capa, projeto gráfico e diagramação:

**Daniel Mantovani**

Revisão:

**Equipe Colmeia Edições**

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



**Colmeia**

**Colmeia Edições**

São Paulo, SP, Brasil. Tel.: (11) 3062-7909

[contato@colmeiaedicoes.com.br](mailto:contato@colmeiaedicoes.com.br)

[www.colmeiaedicoes.com.br](http://www.colmeiaedicoes.com.br)





# CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

 [www.cacadoresdebonsexemplos.com.br](http://www.cacadoresdebonsexemplos.com.br)

 [/cacadordebomexemplo](https://www.facebook.com/cacadordebomexemplo)

 [/cacadoresdebonsexemplos](https://www.instagram.com/cacadoresdebonsexemplos)

 [/cacadoresdobem](https://twitter.com/cacadoresdobem)

 [contato@cacadoresdebonsexemplos.com.br](mailto:contato@cacadoresdebonsexemplos.com.br)

ISBN 978-65-00-04817-9



9 786500 048179